

e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO

O que é Capitalismo?



O que é capitalismo?

com Lucas Ferrugem

SINOPSE

O capitalismo é apontado por muitos como o culpado por diversas mazelas sociais. No entanto, uma observação mais atenta e acurada da realidade, encaminha-nos para outras conclusões sobre o que Mises denominou democracia dos consumidores. Nesta aula, entendemos por que o capitalismo funciona, por que o socialismo possível e como acontece o único modelo existente, o intervencionismo.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: o que são o socialismo, o intervencionismo e o capitalismo; características do capitalismo; os três níveis de atuação do governo; o que é a janela de Overton; a preferência temporal e o surgimento da moeda; por que ainda somos intervencionistas; a tensão preço x qualidade e a oferta e demanda; a impossibilidade do socialismo; as quatro formas de gastar o dinheiro.

INTRODUÇÃO

A aula de hoje é uma análise social do capitalismo. Começarei apresentando brevemente uma bibliografia que trouxe para recomendar e também explicando como será a metodologia deste encontro.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Eu trouxe aqui esse lançamento da Editora LVM que reúne algumas das principais obras do Ludwig von Mises, talvez o maior expoente, pelo menos na influência liberal brasileira, pensador da Escola Austríaca. O box é composto de dez publicações. Para aqueles que estão em nível introdutório no tema, recomendo primeiro "Intervencionismo" e "Mentalidade Anticapitalista". Para aqueles que realmente não estão introduzidos, sugiro que comece pelas "Seis Lições", depois leia "Intervencionismo" e, por fim, "Mentalidade Anticapitalista". Os demais volumes também são bons, mas abordam aspectos mais técnicos. Em "Lucros e Perdas", por exemplo, Mises afirma que o lucro não é um direito, mas sim uma conquista, explorando esta questão. Além disso, há o famoso livro "O cálculo econômico em uma comunidade socialista", onde prova, por $A + B$, a impossibilidade de existir preço e, portanto, de exigir planejamento numa comunidade socialista.

Um outro lançamento da LVM que está muito bom é o do Hans-Hermann Hoppe, "Uma breve história do homem", em que o autor aborda o progresso e declínio da economia. É um livro bem importante.

Também indico "Episódios da história monetária" de Milton Friedman. É um clássico que apresenta basicamente a história do dinheiro na perspectiva dos chicaguistas. "Democracia, o Deus que falhou", também dos Hans-Hermann Hoppe, serve para expandir um pouco mais a consciência. Eu recomendo, para quem não fez a leitura dos demais, que primeiro compreenda qual é a cama que o liberalismo faz para depois expandir a consciência em relação aos tipos de sociedade que podemos construir. Uma

indicação mais contemporânea é “Defendendo a liberdade”, que é uma compilação de artigos do Ron Paul, um estadista norte-americano. Por fim, “O caminho da servidão”, um clássico de Friedrich Hayek.

METODOLOGIA

Embora esses livros tenham me influenciado, bem como alguns outros da Escola Austríaca, Escola Clássica, “Riqueza das Nações” e etc., não é isso que vamos abordar.

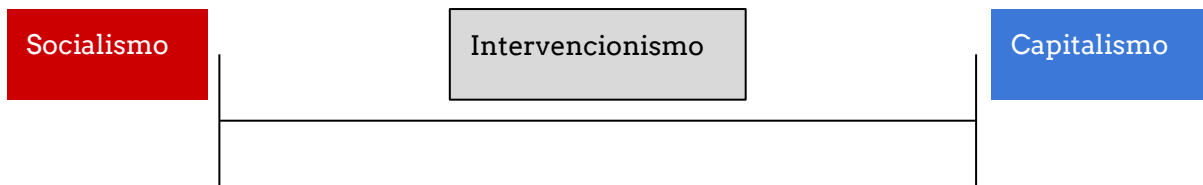
Quanto à metodologia da aula, desejo realizar uma conversa mais livre a respeito do liberalismo, abandonando um pouco o academicismo para tratar do tema de um ponto de vista prático, não da filosofia apriorística, que é o que normalmente o liberalismo prega, como também empiricista, a partir das experiências e dos exemplos que temos hoje no dia a dia.

SOCIALISMO, INTERVENCIONISMO E CAPITALISMO

Estamos abordando essa perspectiva mais empírica, menos acadêmica, que fortalece a percepção que nós temos, no dia a dia, dos elementos, dos fatos, das coisas, e de como a economia se constrói. O que motiva essa conversa? Por que estamos falando disso? Por que estamos trazendo esse assunto para a aula e tentando nos livrar dessa pecha de discutir como se fosse um problema teórico extremamente difícil de resolver cujo qual se não nos debruçarmos em bibliografias imensas de Mises, Escolas Austríacas e problemas científicos e morais, não temos como resolvê-los?

Hoje, existe um debate na sociedade que isola pautas, que deixa basicamente segmentado se somos a favor de ensino público ou ensino privado; se nós somos a favor de hospital público ou hospital privado; se nós somos a favor, agora com as tragédias de Brumadinho, que sucedem as tragédias de Mariana, de regulamentação, não-regulamentação, estatização; Petrobrás: é estratégico, não é; nós vamos isolando cada um dos setores da economia que fazem parte da construção da nossa vida pública e discutindo-os de forma isolada se deveriam ou não ser privados. Nós somos a favor da lei trabalhista ou não, do salário mínimo, do FGTS, férias obrigatórias, décimo terceiro, aposentadoria, previdência. Temos várias pautas acontecendo porque é um pouco como funciona o sistema político, que se reforma de forma individual, de forma isolada e essa discussão acaba interferindo um pouco a visão que eu tenho que é o que realmente existe.

O que realmente existe é uma escala que nós temos de um extremo até outro. Em um extremo, está o socialismo, que são os meios coletivos de produção. Isso significa que nada é de ninguém, portanto, temos que ter uma autoridade eleita ou totalitária que comande e organize todo planejamento dos recursos de que dispõem os homens. No outro extremo, está o capitalismo, que são os meios privados de produção. Isso significa que há uma completa descentralização e nenhuma interferência. Tudo que existe entre um e outro, tudo, absolutamente tudo, chama-se intervencionismo.



O intervencionismo não é um meio termo entre o socialismo e o capitalismo. Não é uma coisa mais socialista, mais capitalista. O intervencionismo é uma terceira coisa, que não apresenta os mesmos efeitos políticos. Embora, dependendo do grau de aproximação que tenha com o socialismo, seja mais totalitário, ou, dependendo do grau de aproximação com o capitalismo, seja menos regulado, mais descentralizado, o intervencionismo não funciona com os mesmos efeitos com os quais funciona a liberdade econômica plena (capitalismo) e nem com os mesmos efeitos com os quais funciona a estatização da propriedade (socialismo). Ele não tem os mesmos reflexos. É importante dizer que, hoje, nós temos o intervencionismo no mundo.

Nós não temos outro modelo de Estado no planeta. Nós não temos um país que seja 100% capitalista, que seria o que, atualmente, vemos muito até como uma corrente de defesa do anarcocapitalismo. Então, não temos exemplo de capitalismo. Além disso, nós também não temos - não é um problema do capitalismo - nenhum exemplo 100% socialista. Nós não temos nenhum exemplo 100% estatizado. Nós só temos exemplos intervencionistas que graduam entre um flerte com o estilo socialista, tem a sua meta para a esquerda, ou um flerte com a liberdade econômica, tem a sua meta para a direita.

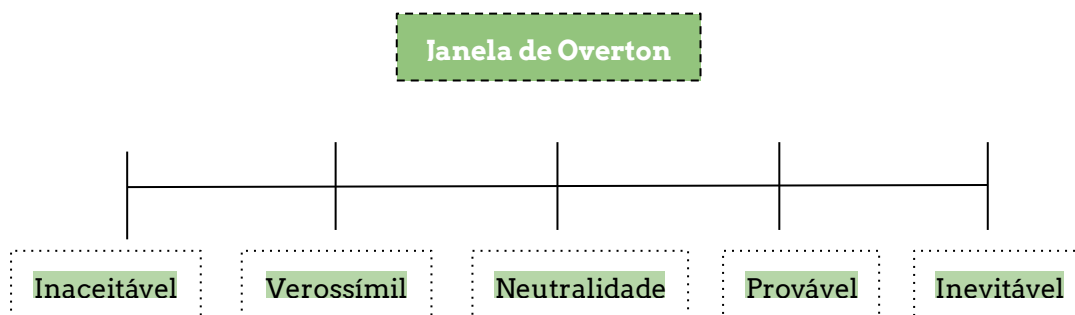
Portanto, é importante ter em perspectiva de que temos dois extremos: o capitalismo, que são os meios privados da propriedade e o socialismo, que são os meios estatizados da propriedade. Tudo que existe entre uma ponta e outra é o que nós temos, que é intervencionismo.

A JANELA DE OVERTON

Sendo tudo é intervencionista, isso justifica um pouco da nossa discussão se a saúde é privada ou é pública, se a educação é privada ou é pública, porque, se nós só existimos dentro do intervencionismo, se toda nossa história se dá dentro do intervencionismo, é comum que as nossas preocupações sejam qual a melhor forma de funcionar determinado setor ou determinada atividade na sociedade. É mais para o capitalismo ou é mais para o socialismo. Afinal de contas, nós não temos nenhum dos dois extremos, embora nós tenhamos grupos de indivíduos que constantemente jogam a sociedade para o capitalismo e outros que constantemente tentam jogar a sociedade para o socialismo.

Discutindo as coisas de forma isolada, temos um terceiro fenômeno que é o que representa como funciona a opinião pública dentro de cada uma dessas pautas. No ano 1990, nos Estados Unidos, um homem chamado Overton criou um termo para segurança pública. É como se fosse uma janela. Por isso, ganhou o nome de Janela de Overton. A Janela de Overton é o grau de aceitabilidade de uma opinião na sociedade. Por exemplo: na época da minha adolescência, lembro de estar na escola e ter sido um verdadeiro fiasco quando a vocalista do *Evanesence* se assumiu bissexual. Esse acontecimento

foi uma pauta pública. Isso faz cerca de doze, quinze anos. Foi um fiasco porque a janela de Overton, ou seja, aquilo que a sociedade tem como aceitável, estava quase no inaceitável, que é o extremo do não, para este tipo de postura. Hoje em dia, a gente tem basicamente o inevitável, que é o outro extremo. Ou seja, nós não temos como ir contra isso. O que aconteceu nesses últimos quinze anos? Uma política que influenciou essa janela de Overton a sair do quadrante inaceitável, passar para o quadrante aceitável, verossímil (talvez eu pense nisso), ir para o neutralidade (onde eu não sei, nem para lá, nem para cá), passar pelo provável (talvez eu concorde com isso) e chegar no inevitável, ou seja, não tenho o que questionar a respeito disso, isso é o certo.



Essa é uma pauta bem isolada e bem polêmica, que não tenho como objetivo falar dos juízos específicos e sim de qual é o efeito desejado por aqueles que praticam essas políticas e não os efeitos que gostaríamos que fossem praticados. Isso aconteceu nesse ponto.

Outro exemplo: se nós falássemos em privatizar a Petrobrás em 2005, teríamos o inaceitável. A Petrobrás é nossa, o petróleo é nosso, a descoberta do pré-sal, nós vamos pegar um tesouro nacional. Estoura o mensalão. Estoura o petrolão. Estoura mais um escândalo de corrupção. Um fato atrás do outro e a

veiculação da mídia desses fatos e toda opinião pública e o trabalho intelectual que vai se desenvolvendo vão jogando essa janelinha de Overton de inaceitável em relação à privatização da Petrobrás para estar, hoje, no provável. A privatização não é inevitável, é algo provável. Uma parcela significativa da população favorece a privatização da Petrobrás. Talvez, ela ainda circule entre neutro inclusive, não seja ainda provável, seja algo de neutralidade, parte da sociedade quer e outra parte da sociedade não quer. Os Correios, por outro lado, estão no nível inevitável de privatização. Ninguém quer que o governo mande cartas. Então, de novo, existe uma opinião pública gerada a partir dos fatos, da mídia, da opinião política, do grupo político, do grupo intelectual, dos formadores de opinião, que torna a privatização dos Correios inevitável. Tem que fazer. O governo está atrasado em não fazê-la. Essa é pelo menos a parte da expressiva sociedade organizada que influencia na política.

Por só haver intervencionismo e todas essas pautas serem discutidas de forma separada, esse conceito de aceitabilidade da opinião pública para cada uma dessas pautas acaba determinando a viabilidade política de um fato. Às vezes, um fato não é viável politicamente embora seja positivo. Um exemplo disso é a reforma da previdência, que vai para lá e para cá. Por quê? Porque a reforma da previdência é um intervencionismo, o governo intervém para conseguir a previdência e a aposentadoria das pessoas, e um suicídio político para quem aprovar, pois vai acabar com a aposentadoria de muitas e muitas pessoas que contam com isso. Vai acabar com recursos de muitos dos eleitores, inclusive. A reforma da previdência vai prejudicar muita gente, embora não tenha como pagar essa aposentadoria. No entanto, as pessoas, no

presente, não visualizam essa perspectiva futura. Então, quem corrigir essa conta comete um suicídio político e aí ela não é viável de ser aplicada, pelo menos na medida em que deveria acontecer. É preciso que se faça uma gradualidade na reforma da previdência e um trabalho de opinião pública para que consigamos aceitação.

Por que é importante termos a janela de Overton em perspectiva? Porque se nós não soubermos que a opinião pública que define qual é a prática que vai ser adotada para cada uma das intervenções, vamos ter uma visão poluída a respeito de como funciona essa discussão sobre capitalismo, liberalismo, livre mercado, etc., que nada mais são do que palavras que nós cunhamos, capitalismo cunhada por Karl Marx, um crítico do capitalismo, livre mercado cunhada por Adam Smith, John Locke, homens favoráveis ao capitalismo. Assim a gente vai percebendo diferentes opiniões que se geram a partir de como a sociedade funciona.

O QUE É O CAPITALISMO?

Nos graus de intervencionismo, precisamos entender por que isso acontece. Por que nós temos a intervenção e por que funciona dessa forma? Eu gostaria de levantar uma pergunta que eu acho que não é bem esclarecida hoje em dia, que é: o que é o capitalismo? Eu não quero chover no molhado com uma teoria pronta de que o capitalismo é a gestão dos meios privados de produção e do acúmulo de capital, etc.. Eu não quero correr por essa linha. Eu quero ir pela linha do que é a motivação psicológica e humana por trás do capitalismo. Eu gosto de pensar no capitalismo como uma corrida pelo ouro.

Embora tentemos embalá-lo de uma forma mais nobre, só conseguimos fazer isso quando olhamos o contexto global do resultado. Quando olhamos individualmente, a maior parte dos indivíduos, não todos, são motivados por uma corrida pelo ouro, uma corrida pelo prêmio. Uma corrida por um ganho grande por meio daquilo que se esforçam, do risco que correm e tudo mais.

O que permite esse prêmio nessa corrida pelo ouro? Por que existe esse prêmio na corrida pelo ouro? E por que ele é tão descentralizado e as coisas funcionam?

Porque o capitalismo nada mais é do que duas coisas: a divisão do trabalho de forma especializada e a busca de tentar resolver problemas. Vamos dar um exemplo. Nós aqui da Brasil Paralelo. Nós sabíamos, enquanto empreendedores, que uma parcela da população gostaria de ter informações a respeito do que estava acontecendo, que a mídia não estava cumprindo bem seu papel e mesmo com a mídia e com as instituições de ensino sendo empresas gigantes e o mercado extremamente regulado, nós podemos, dentro de um grau aceitável de livre iniciativa, arriscar capital próprio e emprestado e muita energia e esforço para criar alguma coisa que estávamos imaginando que as pessoas gostariam de ter. Isso deu certo. E aí nós tivemos o prêmio e esse prêmio nós pudemos reinvestir em busca de um prêmio maior. Claro que, no exemplo, não são só as motivações econômicas que gerem, mas também motivações sociais, culturais, etc.. De qualquer forma, o que possibilita isso é a existência desse lucro, esse bônus de geração de riqueza.

Cooperação x Competição

Na sociedade, o capitalismo funciona criando uma dialética entre a cooperação e a competição. As pessoas são obrigadas a cooperar. Nós, aqui na empresa, cooperamos todo dia. Tem gente operando as câmeras, gente operando os comentários, time que escreve roteiro, time que separa trechos, time que gere o marketing, time que faz design das peças, tem gente que atende o público. Todo dia essas pessoas estão cooperando e, de certa forma, competindo. Essa competição não necessariamente acontece nos mesmos meios, mas é uma competição por destaque, por ser melhor, por ser um recurso mais escasso, por se aperfeiçoar. Isso gera um lucro para o indivíduo porque, a partir do momento que gera mais riqueza dentro de uma empresa, organização, grupo, dentro de qualquer coisa, essa pessoa tem um poder de barganha maior sobre o seu salário. Digamos que ele faça os chefes ganharem vinte mil reais. É plausível que peça dez mil reais de remuneração. Então, esse indivíduo consegue criar essa escala de negociação em função daquele prêmio que é percebido em cima dele. Não necessariamente tem ou deixa de ter, mas que ele consegue a percepção.

Isso só pode acontecer de forma plena se houver livre troca, livre iniciativa e livre associação. As pessoas podem se juntar para o que quiserem, podem fazer o que quiserem e podem trocar as coisas pelo que quiserem. Eu troco por dinheiro, eu troco por favor, eu troco pelo que eu quiser. Eu atribuo valor ao dinheiro. Isso só é possível dessa forma. Tudo que intervém nisso gera um desestímulo para que isso aconteça dessa forma.

Por que nós continuamos intervindo? Porque hoje, isolando-se grupos específicos que acreditam nisso, nós não temos, enquanto sociedade, a

confiança de que nós conseguimos resolver todos os problemas descentralizando e entregando para os indivíduos essa corrida pelo ouro para eles solucionarem os problemas e ganharem dinheiro. Nós temos uma certa desconfiança de que se nós fizermos isso, as pessoas vão beneficiar o próprio dinheiro, em algum momento isso vai desequilibrar com o bem-estar social e a pessoa vai preferir ganhar em vez de gerar bem-estar social. Isso vai causar um certo caos em determinada área. Então, é por isso que nós, enquanto opinião pública, não entregamos tudo ao capitalismo. Nós nos mantemos intervencionistas, porque em alguns casos nós não vimos e outros, mesmo existindo exemplos, nós não confiamos.

O problema é que a opção do socialismo não existe. Por que a opção socialismo não existe? Talvez a opção capitalismo também não exista. Mas o fato é que nós já tentamos ir até o socialismo de forma mais radical e nós tivemos um resultado da natureza que nos freou muito. Por outro lado, para o capitalismo, tentamos ir de forma menos radical e tudo que fizemos em sua direção gerou muita riqueza, gerou muito bem-estar e muita qualidade de vida.

A discordância de Mises

Quero ver com vocês um panorama histórico, para que entendamos como chegamos até aqui.

A pretensão intelectual da aula é discordar de Mises. "Ação Humana", principal tratado de Mises, é o seu livro filosófico que embasa sua tese econômica. Neste livro, Mises afirma que o ser humano funcionou da segunda

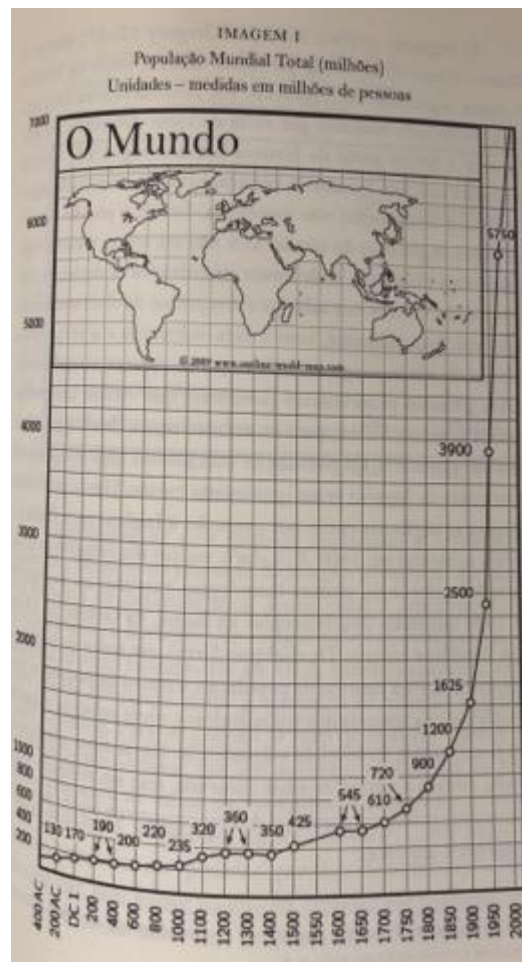
forma. Nós nascemos na selva, sem nada. Nós sabemos disso e temos uma boa noção de que tudo que está aqui foi construído por seres humanos. Mises concordava um contemporâneo de Adam Smith chamado Malthus, o qual propugnava que a riqueza na sociedade é dividida pelo número de pessoas que existem nessa sociedade. Então, é necessário um certo controle de natalidade. Se houver muito mais gente do que a riqueza disponível, a sociedade empobrecerá. É um argumento até bem lógico. O Mises defende isso e declara que é uma responsabilidade das pessoas manterem certo teto populacional de acordo com a riqueza.

Por que eu discordo de Mises?

Primeiro, eu acho que existe um ferimento à liberdade quando fazemos isso. Está-se invadindo uma questão familiar e se está economizando e precificando tudo. A partir do momento que se afirma que uma família não poder ter dois filhos porque teremos que dividir riqueza, está-se invertendo a lógica da humanidade, que, até então, era reproduzir ou, pelo menos, ter suas famílias, procriar, ir adiante enquanto espécie, enquanto homem, enquanto alma humana. E aí, de repente, o indivíduo fala o seguinte: 'pera aí, eu não quero ter menos qualidade de vida, então vamos ter menos filhos'. Esse é o ponto moral com o qual estou discordando de Mises.

O outro ponto moral que estou discordando de Mises é que eu não sei se a estatística já estava consolidada, na verdade, já estava sim, mas eu separei aqui um gráfico, do qual gosto muito, que mostra o seguinte: todos nós que criticamos o capitalismo, estamos sendo um paradoxo. Era meio que impossível que a gente criticasse o capitalismo. Por quê? Porque, se não fosse

ele, nós não estaríamos vivos. Nós não existiríamos. A probabilidade da gente existir seria muito baixa, menos de 1%. O gráfico abaixo representa o crescimento populacional.



Esse gráfico representa o crescimento populacional. Há cinco mil anos, havia mais ou menos quatro milhões de pessoas. Em três mil anos, alcançamos, com muito esforço, o contingente populacional de cem milhões de pessoas. Em 1700/1800, acontece um *boom* e o hoje temos sete bilhões de pessoas no mundo. Então, para dar os dados corretos. Saímos de 130 milhões de pessoas para sete bilhões de pessoas em tempo recorde.

Esse assunto de que a pessoa tem que controlar quantos filhos vai ter dentro de uma sociedade capitalista é uma mentira, porque fomos para sete

bilhões de pessoas. É exatamente o contrário o que aconteceu. Aqui, para mim, já deveria cair toda tese malthusiana e todas inclusive, fazendo um parênteses para os mais familiarizados, as teorias globalistas de alguns bilionários como Bill Gates, que quer estabelecer um certo controle de teto da humanidade.

A Preferência Temporal e a moeda

O ser humano não tinha nada e começou a fazer um negócio que se chama preferência temporal. Ele percebeu que, se alocasse o tempo que utilizava para caçar peixes para fazer uma rede, poderia caçar mais peixes. Então, usou o tempo para construir uma rede e, na expectativa de caçar mais peixes, conseguiu se apossar de quatro. Com isso, o homem ficou com três peixes sobrando. Ele tem duas opções: guardá-los ou trocá-los com um amigo que havia caçado um gnu. Assim, ele pode comer o bife do gnu. Tem início esse processo de escambo. Você deve ter visto isto na escola, é um assunto mais tranquilo.

Até que chega um momento em que, com a inteligência acumulada da humanidade, percebemos que fazer trocas deste modo é sempre um caos, pois, se quem tem o gnu não quer comer peixe, mas sim algodão, é preciso realizar diversas trocas. Digamos que o pescador precisa trocar o peixe por árvore, a árvore por algodão e, então, finalmente, o algodão pelo gnu. Para solucionar esse problema, no reino persa, se não me engano, estabelecemos a satrapia, a primeira moeda, que tinha a cara do rei. Vale a pena procurar a história do dinheiro no Youtube. O Hélio Beltrão leciona uma palestra bacana

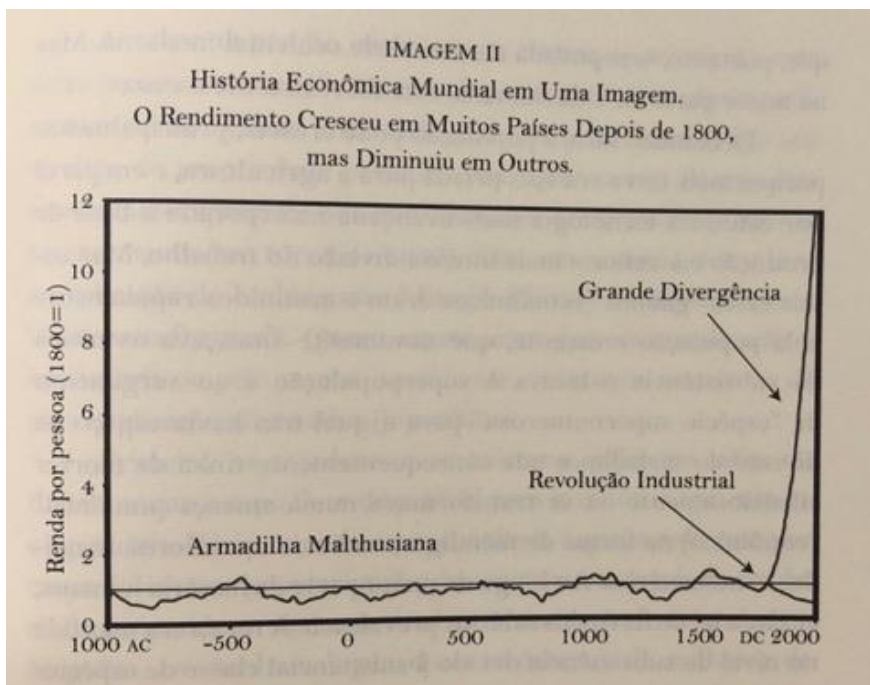
de assistir. Desta maneira, criamos o primeiro dinheiro, uma moeda em comum que utilizávamos com o baliza. Estabelece-se que cada bem vale uma determinada unidade dessa moeda. Bom se fosse desse jeito ainda. Os governantes não poderiam nos roubar tanto dinheiro. Começamos a fazer essas trocas indefinidamente, etc., etc..

Aí acontece essa coisa muito simples, que é a pessoa descobrir que - olha o que está por trás desse pensamento - se entregar algo para uma pessoa que ela quer, recebe algo em troca, o dinheiro, que pode trocar por qualquer coisa que quiser. Então, se fizer um favor para alguém, se prestar um serviço para alguém, a pessoa lhe paga e pode trocar isso, depois, por qualquer coisa que quiser e com quem quiser. Não demora muito para o ser humano descobrir que poderia acumular isso e ter tudo que quisesse, dentro de algumas várias semanas. Ele poderia ter tudo que quisesse se tivesse uma acumulação, uma poupança considerável dessa moeda. Para isso, ele teria que prestar esses favores para as pessoas de forma acumulada. Isso fica acontecendo bem mais de mil anos. Os caras pegam um barco, vão até a Índia, trazem pimenta. Acontece muita coisa em função dessa lógica de acumular riqueza assim. Isso vai se desenvolvendo, sempre aperfeiçoando, sempre aperfeiçoando. 'Agora, juntamos o gado. Agora, a gente faz o gado reproduzir para ter mais gado. Agora, a gente planta'. Sempre aperfeiçoando e assim vai se desenvolvendo.

Até que chega num determinado período em que as pessoas resolvem testar outras coisas. Testar, por exemplo: se eu trago a semente, ele planta a semente, outro traz o aerado do gado, e outro escova o gado. Ou seja, começam a se organizar numa livre associação. Companhia das Índias talvez seja o

primórdio disso. Isso começa a dar muito mais certo, num nível multiplicador. A cooperação começa a dar um resultado gigantescamente maior do que a competição selvagem, digamos assim. A competição passa a ser mais interna, de capacitação, de conseguir identificar essas oportunidades e aplicar os meios corretos e entregá-la. Isso dá muito certo.

No gráfico abaixo, temos como funcionou a história da renda no mundo.



Passamos três mil anos em pobreza absurda, ganhando um dólar por dia, que é a taxa de pobreza que temos definida hoje, e, de repente, dá um tiro para cima e todo mundo começa a ganhar uma quantidade de dinheiro inacreditável para qualquer padrão humano que já tenha existido na história. Hoje, as pessoas que a gente considera pobres, classe média baixa, vamos lá, porque existe a pobreza e a inanição, mas aquelas que consideramos pobres, que seria a classe D, D-, vivem em um padrão de vida excelente comparado a alguns antepassados nossos. Isso foi um acúmulo muito grande que

proporcionou que o capitalismo seja praticamente um milagre da humanidade, seja algo que proporcionou uma vida para gente inacreditável. É inacreditável isso aqui que está acontecendo. Recomendo o vídeo do lápis do Milton Friedman, que é uma inspiração, que fala de todos componentes que são necessários para fazer um lápis, que seria um milagre. O capitalismo proporcionou que estejamos aqui com tudo isso conectado.

A democracia dos consumidores

Por que o livre mercado funciona tão bem para essas questões que a gente fala de intervenção?

Se fosse só o ponto de vista de um milionário, não daria certo. Se fosse uma única pessoa administrando e cuidando do fornecimento de luz, ia dar errado, porque não haveria nenhum incentivo. Mas, todos os erros que esse fornecedor comete, é como se estivesse prestando mal o favor às pessoas. Isso significa que outras pessoas que também querem acumular dinheiro podem perceber que o favor está sendo mal prestado e pensarem em alternativas para fornecer o favor de uma forma melhor. Assim, essa pessoa vai acumular dinheiro, pois seu favor será preferível ao do outro.

O que pode atrapalhar tudo isso?

O que pode atrapalhar tudo isso é as pessoas não terem livre iniciativa, ou seja, as pessoas não poderem fazer isso. No Brasil, por exemplo, eu não posso abrir uma companhia de energia elétrica ou de petróleo. Eu não posso, não tem como. Isso faz com que aquelas pessoas que estão prestando o favor

de entregar luz e de entregar gasolina não tenham preocupação com a vinda de alguém que as desafie.

Outro ponto importante acerca de preços elevados. Vamos supor que eu tenho uma loja e coloco uma caneta, cuja fabricação custa R\$3,00, à venda por R\$25,00. Ou seja, estou lucrando R\$22,00 na caneta. Quem me impede de fazer isso? Será que, se estou lucrando R\$22,00 na caneta, alguém que tem pouco dinheiro não vai entender isso como uma oportunidade e dizer: 'eu topo vender essa caneta por R\$22,00, ganhar só R\$20,00 e começar a ganhar dinheiro'. Esse sujeito quebra o preço mais caro do anterior. É a história do Silvio Santos, basicamente. Daqui a pouco, um terceiro sujeito faz as contas e percebe que, se vender aquela caneta por R\$20,00, consegue pagar as contas da loja e ainda ganhar algum dinheiro, saindo da pobreza. Então, esse sujeito começa a vender a caneta por R\$20,00.

A mão livre do mercado

Então, quando se fala que é a mão invisível do mercado que regula o preço, não estamos falando de um milagre que acontece e faz os preços baixarem, estando de acordo para todo mundo. Sempre que houver uma precificação excessiva em algum bem, outra pessoa percebe nisso a oportunidade de vender aquele bem mais barato e ganhar dinheiro também. Se está sem dinheiro, essa pessoa consegue agora ganhar dinheiro com isso. Do mesmo modo, sempre que alguém percebe a oportunidade de fazer algum bem numa qualidade melhor e cobrar mais caro por isso, também faz. E é algo meio vicioso, porque a pessoa pode perceber a oportunidade de fazer, com a

mesma qualidade com que estes outros estão fazendo, um pouquinho mais barato.

Essa tensão de preço e qualidade, de pessoas tentando ofertar nessa corrida pelo ouro, acaba estabelecendo aquele fenômeno que estudamos na faculdade, com uma pompa enorme e gráficos incríveis, chamado de oferta e demanda. Não precisa daquele gráfico para entender oferta e demanda é o preço que as pessoas estão dispostas a pagar - pois, caso não paguem, o indivíduo não vai ganhar dinheiro e não faz sentido nenhum o que está fazendo, vai dar errado - e o preço que as pessoas estão dispostas a vender - o quanto o indivíduo cobra por sua energia e por tudo que tem que fazer e continuar aceitando determinado preço -.

Essa oferta e demanda é o cruzamento de milhões de decisões feitas todos os dias pelos consumidores. Quantos votos você dá na Nescafé ao longo da sua vida? Toda vez que você pode escolher comprar Nescafé ou Três Corações e decide 'vou comprar Três Corações porque esse café aqui é melhor', você tirou recursos da Nestlé. Você está declarando que a Nestlé não está fazendo o favor que você queria e, por isso, você vai dar o seu dinheiro para Três Corações. Sempre que você afirmou 'eu vou comprar três corações porque está mais barato', você deu uma sinalização para o mercado dizendo 'esse preço do Nescafé não é muito bom'. Se dez mil pessoas fizeram isso, é ruim para loja. Se cem mil pessoas fizeram isso ao redor do mundo, é ruim para Nestlé. Se essas cem mil pessoas fizeram isso para Nestlé e derem o dinheiro para Três Corações, temos uma nova soberana do café. Não temos mais a Nestlé.

A democracia dos consumidores

Por isso, Mises cunhou um termo, que eu acho o mais apropriado de todos, que o capitalismo, na verdade, tem o nome errado. Não adianta a gente lutar com o comunismo. O capitalismo é a democracia dos consumidores. É o ponto mais alto ao qual a democracia já chegou, porque, diariamente, as pessoas, de forma descentralizada, escolhem em quem vão votar para ser o soberano de cada bem. Então, se eu não comprar esse livro da editora LVM e comprar de outra editora, estou dizendo 'eu não quero a LVM editando livros, eu quero essa outra editora'. Se escolher comprar um computador da Dell e não da Apple, estou falando 'não quero o preço que você cobra por essa qualidade. Eu quero votar na Dell. Eu vou dar recursos para a Dell continuar produzindo computadores, não vou dar para Apple'. A Apple enviou computadores para Porto Alegre e a Dell, também. Eu escolhi o da Dell e não o da Apple. Se ninguém escolher o da Apple, vai ficar parado. Se a cada dez pessoas que escolhem a Dell, uma escolher a Apple, essa conta vai ter que fechar no final ou a Apple vai deixar de existir. Isso que justifica todas as diferenças de preços.

A IMPOSSIBILIDADE DO SOCIALISMO

O que aconteceu com o socialismo que se provou impossível?

O livro "O cálculo econômico em uma comunidade socialista" provou a impossibilidade - eu gosto de usar essa palavra porque é essa mesmo - do socialismo. De forma nada apaixonada, esse livro traz uma argumentação.

Baseado em tudo isso que dissemos, o que é o preço? Sabe aqueles arquivos *zip* de computador, compactado? O preço é como se fosse uma constelação de dados compactados. Quando olhamos e falamos assim “café = R\$2,50”, por trás desses 2,50 existe uma constelação histórica de dados. Aqui não estão os dados de poucas coisas não. Aqui estão todas as compras de cafés já feitas no mundo, todas as tentativas de vender café por preços que as pessoas não pagaram, todas as tentativas de vender café que não deram lucro para a pessoa e a pessoa teve que fechar as portas. Todo esse histórico de tentativa de vender café em cada região, em cada local, com cada tributo de qualidade, todo histórico do café está compilado para o cara dizer o seguinte: ‘esse café eu consigo vender a R\$2,50, esse aqui R\$18,00, esse outro a R\$14,00’. Os preços são uma constelação de dados zipados em uma dadinho pequeno. É como se fosse uma integral, para quem é mais familiarizado. Tem todo um número de dados, é infinitesimal o número desses dados, que compilam esse preço.

Dá onde é a origem desses dados segundo o cálculo desenvolvido pelo Mises? A origem desses dados são essas decisões de tentar vender café na Amazônia por R\$22,00, café no Rio Grande do Sul a R\$16,00. O histórico dessas decisões. Dentro disso, o que acontece se rompermos o *input* desse dado? Ninguém mais vai poder votar agora. O Estado vai fazer o café e dá-lo às pessoas. O problema grave disso é que não teremos mais esse voto constante e, para produzir café, também é preciso comprar máquinas, caminhões, gasolina, pagar os trabalhadores. E tudo isso são preços. Todos esses preços são outras constelações de dados que também são votadas constantemente. Se esse *input*, que são as decisões democráticas das pessoas no dia a dia, for

derrubado, as tentativas e erros que punem os empreendedores, todo prejuízo de todos os dados que deram errado, serão absorvidos pelo Estado. Toda vez que o Estado fizer uma escolha errada, arcará com o prejuízo que antes seria do empreendedor. Se o empreendedor tentou vender café R\$50,00 e descobriu que as pessoas não pagavam; se tentou vender café a R\$1,00 e descobriu que assim ele não ganhava dinheiro; se tentou levar café para o extremo oposto do país por x preço e descobriu que esse cálculo era inviável. Todos esses erros da mente humana, da tentativa e erro, que estão descentralizados, serão absorvidos pelo Estado, o qual também paga a conta de tudo. De onde o Estado vai tirar a ideia de qual é a baliza do preço das novas tecnologias, das novas invenções? Como vai fazer isso se mais nada tem preço, tudo é o próprio Estado que decide? Como o Estado vai calcular isso numa folha? O Estado vai arcar com todo prejuízo da sociedade de todos os erros e não vai conseguir nunca, vai viver uma tentativa em *loop* de acertar a precificação dos seus planejamentos e não vai chegar nunca em lugar nenhum. O Estado vai falir numa velocidade recordista e não vai conseguir isso.

Talvez esse seja o trabalho mais importante do Mises. Tem até um HQ do Batman que conta a história do Mises. Ao fazer o pacto de Ribbentrop-Molotov, Stalin se associou com Hitler e entrou na Alemanha. Mises é exilado da Áustria nazista e seus pertences são confiscados. Dentre estes, estavam seus escritos em relação a esse cálculo de que falávamos. Os planejadores da União Soviética, que estavam buscando a implementação do socialismo, entram em contato com esses estudos e percebem a impossibilidade de seguir adiante com o seu projeto da maneira como estava sendo traçado. Nesse

contexto, Stalin deixa que as pessoas façam mercado negro, porque entende que estavam indo vigorosamente para um lugar errado, em que teriam muito prejuízo e perderiam tudo.

Nenhum capital é eterno. Não é possível subsidiar (prática de cobrar menos do que algo custa) indefinidamente, mesmo que seja alguém com cem bilhões de dólares na conta. Essa pessoa não pode começar a vender a calça por R\$1,00 se sua fabricação custar R\$20,00. Por quê? Porque se vender a calça por R\$1,00, a população inteira vai querer comprá-la. Todo mundo vai querer, porque a vantagem de adquiri-la é muito grande. Então, a oferta terá que ser gigante. Nessa oferta gigante, essa pessoa estará perdendo R\$19,00 em todas as vendas. Os cem bilhões de dólares serão consumidos na exata proporção em que estiverem sendo queimados, porque quanto mais a pessoa queimar, mais as pessoas vão querer comprar a calça, por ser uma oferta atrativa. Portanto, não existe capital que seja eterno. As poupanças se esgotam e trocam de mãos. Por isso, a oferta e a demanda e o sistema de preços são aspectos que consolidam uma coisa chamada democracia do consumidor.

Depois da conquista do *Rule of Law*, ou seja, uma igualdade de todos perante a lei, podemos sempre ter a livre iniciativa e desafiar o soberano de qualquer bem. Claro que o *Rule of Law* não é uma conquista de absolutamente todos os países, a exceções de totalitarismos grandes e intervenções específicas. Com o *Rule of Law*, a qualquer momento, eu posso, por exemplo, tentar fazer roupas de grife e desafiar a *Louis Vuitton*. Eu posso falar: 'eu sou melhor, eu cobro mais caro, eu faço com mais qualidade' e entregar um produto com essas características. Quem vai votar em mim são os

consumidores, não é a *Louis Vuitton*. E o melhor: toda vez que alguém tenta fazer isso, pressiona a *Louis Vuitton* para ter qualidade e justificar seu preço, no caso do mercado de luxo. Quando alguém vende um produto mais barato, pressiona os demais a baixarem seu preço e manterem a competitividade. Isso faz com que o capitalismo seja pujante e que tenha flexibilidade de classes, inexistente na Idade Média.

Na Idade Média, havia esses mesmos incentivos de leis fortes, permissão de livre iniciativa, etc., mas existiam as guildas, que eram grupos ou famílias que produziam determinados bens. As guildas faziam forte pressão, como se fossem os sindicatos fechados para manterem preços, e o indivíduo não podia competir com elas.

Antes de prosseguirmos, quero resumir essa parte de 'o que é capitalismo?' por ser a democracia onde consumidores constantemente votam para eleger aqueles que são os mais aptos e habilitados para atender determinada demanda da sociedade, podendo trocar esse voto a qualquer momento, a qualquer hora, a qualquer dia.

O ESTADO

Por que o mundo não parece essa Disneyland? Mesmo com tudo isso que falei, ainda olhamos e falamos 'tudo bem, mas, sei lá, tem gente que não consegue comprar saúde. Não pode ir para o hospital. Como é que se justifica isso?'

Vamos agora entender o outro lado. De forma sucinta, sem pegar a ciência política já consolidada nessa historiografia que é o Estado. Pensemos

no Estado Moderno dos últimos cem anos, com democracias representativas, diretas ou indiretas. O Estado Moderno é escolhido por meio do voto. Ele é formado por pessoas que a massa escolhe. Quando uso a palavra “massa”, não é um juízo de valor. A massa é aquela maioria que determina algo. Essa mesma massa que escolhe os representantes, entrega a eles o poder de decidir o que podem ou não fazer, uma vez que são estes mesmos indivíduos que vão legislar. Não demora muito para que esses representantes descubram que não têm dinheiro.

Trazendo para um exemplo. Digamos que nós, que estamos nesta sala de aula, nos juntássemos e elegêssemos o chefe da sala. Depois de votarmos e termos o indivíduo eleito, cobramos que construa uma parede de gesso na sala. O chefe da sala não tem dinheiro. Então, faz-se uma vaquinha.

É mais ou menos esse o início do Estado, se tivermos que fazer isso de uma forma empírica e prática. Só que, com isso, as pessoas entregaram poder para esse indivíduo que pensa que, para fazer essa vaquinha, também tem que ganhar alguma coisa, porque está trabalhando o dia inteiro para os outros. Isso dá início a um processo de entrega de poder para aqueles que são escolhidos para realizar as coisas que você quer. Eles não têm dinheiro. Eles só conseguem arrecadar esse dinheiro por duas vias: a primeira é a taxaçaõ daqueles que produzem; a segunda, a tentativa de fazer a mesma coisa que os capitalistas fazem - prestar favor para as pessoas e as pessoas pagarem ele por isso. Só que, como o Estado é responsável por permitir que as coisas aconteçam ou não, tem um costume chato. Toda vez que resolve prestar favor, o Estado quebra com a democracia do consumidor. Ele não faz a Petrobrás para

competir com outras empresas e permite que todo mundo tenha acesso ao petróleo. Como empreendedor, o Estado aproveita de uma façanha que tem na mão, tal como os empreendedores também aproveitariam se tivesse essa oportunidade.

A façanha é proibir os outros de fazer, porque o Estado pode fazer isso. Se empresários como o dono da Renner, da C&A e da Riachuelo puderem, no final das contas, proibir os outros de venderem roupa, a tendência que façam isso é muito grande, porque o incentivo é gigantesco. Esse empresário para de se preocupar, para de concorrer e pode cobrar o preço que quiser, porque as pessoas só podem comprar dele. Ele se torna a única opção. Para o auto-interessado, esse benefício é muito bom. Então, a inclinação a fazer é muito grande. O Estado, por sua vez, sempre pode fazer isso. Quando produz gasolina, proíbe os demais de atuarem nesse mesmo ramo, obrigando a todos a comprar dele. É bem mais fácil trabalhar sem concorrência, você coloca os pés para trás. Mesmo assim, o Estado tem prejuízos por causa da administração.

Então, o que é o Estado? São pessoas que nós elegemos e que, depois, nos cobram para fazer coisas de forma compulsória. Eu sempre gosto de dizer que Estado é escravidão. Goste você ou não, o Estado é uma evolução da escravidão. Acompanhem meu raciocínio. Tudo que você tem na vida é tempo. A forma que você produz riqueza é aplicando seu tempo em alguma energia. Se o Estado cobra um imposto de você, está cobrando uma parte desse tempo em que você gerou dinheiro. Caso você não queira pagar o imposto, o Estado manda uma cartinha. Se você não quiser responder essa cartinha, o Estado manda um policial. Se você não quiser ser preso, o policial aponta um fuzil para

o seu rosto. Se você não quiser acompanhar o policial de qualquer forma, ele lhe dá um tiro na cara. Houve uma burocratização e criamos vários meios entre um e outro, mas nós continuamos, sim, no esquema escravagista, pois temos um percentual dado da nossa riqueza, da nossa geração, da nossa democracia de consumidores, para aqueles que, na verdade, não produzem, só fiscalizam.

É muito parecido com o feudalismo, é muito parecido com o quinto lá de Minas Gerais, da época de Tiradentes. É muito parecido com qualquer uma dessas coisas que se fala, com a diferença que, claro, existe um grau menor de intervencionismo e de proibição social. Muitas coisas a gente já pode ter livre iniciativa.

Os três níveis de atuação do Estado

Há três níveis com que o Estado pode atuar. Eu vou enunciá-los na ordem do menos para o mais grave.

O primeiro nível com o qual o Estado pode atuar é a taxação. Neste caso, o Estado simplesmente determina que, de tudo que as pessoas ganharem, vai cobrar uma taxa de 10%. Esse é o nível menos grave. Vocês podem me questionar: como assim, não acabou de dizer que isso é escravidão? Sim, mas, dentre tudo que o Estado faz, a escravidão é o menos grave, porque taxar significa permitir que o sujeito faça tudo que ele quiser e cobrar 10%. É um preço a pagar, porque o Estado vai redistribuir isso, porque existem pessoas muito pobres, porque existe a justiça, a política, etc.. Isso é o menos grave de todos que o Estado pode fazer. É a escravidão aceitável.

O segundo nível mais grave do que o Estado pode fazer é a regulação. Aqui, o Estado não se contenta só em ganhar, por isso, estabelece regras para o campo de batalha. O Estado impõe regras que devem ser respeitadas. Anteriormente, expliquei o que essas regras fazem na prática.

O terceiro nível, o mais grave de todos, é quando o Estado decide administrar. Neste nível, não basta só o Estado cobrar o dinheiro e nem regular e impor as regras do campo de batalha. No terceiro nível, o Estado determina que vai fazer e os outros estão proibidos de fazer. Só que, obviamente, como o Estado, via de regra - esqueçamos as corrupções -, não pode enriquecer com o fruto do prêmio daquilo dali, não tem ninguém virando a noite trabalhando. Não tem ninguém arriscando, refletindo tudo que pode e indo para casa pensando 'se essa empresa pública não der certo, como botarei fralda nos meus filhos?'. Não existe essa opção. A lei dos incentivos faz com que não funcione.

Pergunta: Qual é o livro que demonstra a impossibilidade do governo socialista por meio de um cálculo econômico de preço?

Esse livro é do Ludwig Von Mises e se chama "O cálculo econômico numa sociedade socialista". Tem e-book gratuito, mas, se você quiser dar um voto na democracia do consumidor para a editora que o está veiculando é a editora LVM, inclusive recomendo essa edição com dez obras do Ludwig Von Mises. Está disponível para compra na Amazon.

Pergunta: Quem são os intervencionistas? Somos nós como pessoas que pendemos para um lado ou para outro e como fica a sociedade, no todo, com isso?

Isso conecta um pouco com a teoria da janela de Overton que alguém disse que não entendeu bem. Para explicar a janela de Overton, vou dar um exemplo um pouco mais poluído, que eu acho que aí não tem erro para entender. Eu peço a licença poética para como vou explicar a janela de Overton. A janela de Overton é um instrumento que mede o grau de aceitação de um determinado ato ou opinião na sociedade. Como isso funciona na vida de cada um de nós? Você vai no bar e conhece uma garota. Quando você a conhece, ela tem certeza e falou para todas as amigas que é impossível que ela saia daquele bar contigo. Está no quadrante da impossibilidade o fato. Aí, de repente, você começou a conversar, ela tomou duas piñas coladas e aí a coisa começou a fluir. Saiu do quadrante do impossível, ela já está mais envolvida na conversa, uma amiga que ela estava preocupada com o juízo foi embora e veio para o grau do verossímil. Mas ainda é só isso. Se alguém perguntasse para ela, ela ainda diria 'não..'. A conversa continua. Ela descobre uma coisa sobre ti que ainda não sabia. Aí, ela vai lá e te segue no instagram e vê que tu é mais legal do que ela pensava, que tu conhece pessoas que ela gostaria de conhecer, que tu fez viagens que ela gostaria de fazer, e aí a coisa vai para o grau do quem sabe. Dali a pouco, a coisa começa a se tornar provável. Ela já criou esse senso comum, daqui a pouco tu cria o primeiro contato físico com ela, e aí tu toca nela, tu faz bem feito esse jogo de aproximação, tu acha uma brecha certa para convidá-la para dar uma volta. 'Vamos sair deste tumulto, vamos dar uma volta mais ali'. Ela vai indo e daqui a pouco começa a ter como provável que ela vai ter alguma coisa contigo. E do provável vai ir para o inevitável, que é ela ter certeza que ela não vai deixar de fazer alguma coisa contigo, que é quando tu

oferece uma carona e ela aceita. Aí é inevitável que ela já aceitou fazer algo contigo. O que aconteceu daquele momento em que tu foi abordá-la no bar e falou 'oi' e ela pensou assim 'impossível', até o momento em que tu ofereceu uma carona e ela disse 'sim, vamos' e virou inevitável? Aconteceu uma flexibilização da opinião da pessoa. Isso, eu dou um exemplo aqui em que todo mundo consegue se reconhecer, sejam as mulheres ou sejam os homens, porque isso é a janela de Overton. A janela de Overton é como se fosse uma parede e tudo que pode acontecer está atrás dessa parede. Se a janela tá no impossível, tu só vê os fatos com aquela impossibilidade. Se a janela está no provável, tu só vê os fatos com aquela probabilidade. Se a janela está no inevitável, tu só vê os fatos com aquela certeza. A janela é uma opinião pública da sociedade. No caso do encontro, se ela vai ou não sair daquela festa ou daquele bar contigo. No caso, por exemplo, da privatização da Petrobrás, se tu votaria a favor ou não da privatização. Se soaria absurda ou não falar em privatização para alguém. Vamos pegar um outro exemplo popular que seja uma pauta polêmica. Se eu disser para ti que os ricos não tem que pagar imposto, devem ser isentos de pagar imposto. É uma opinião que vai gerar uma certa estranheza. Essa opinião está no improvável, não tá no impossível, mas está no improvável. Se eu disser para ti que pobre não deveria pagar imposto. Essa opinião está provavelmente no aceitável. Não está no inevitável porque não é isso que acontece, mas está no aceitável, todo mundo concorda. Então, a janela de Overton é essa flexibilização de como está a opinião pública, o que a massa pensa a respeito de determinado assunto e o que a maioria dos indivíduos pensa a respeito de determinado assunto. Ela mede esse

coeficiente social de aceitação de uma ideia. Espero que o exemplo tenha deixado mais fácil de entender.

Eu tinha comentado que nós discutimos muito pautas isoladas, que nem demos o exemplo aqui da saúde, do hospital, da educação, deve ser privatizado, não deve, o Estado deve regular, deve ter salário mínimo. Pautas isoladas na sociedade. Na prática, o que existe é um eixo de socialismo, no qual toda propriedade é do governo, e o eixo de capitalismo no outro lado, no qual toda propriedade é privada. Não existe nem um extremo nem outro no exemplo histórico da humanidade. Existe só o que está no meio. Tudo que está no meio é intervencionismo, ou seja, já é a existência de um governo que, por meio da estatização das coisas, intervém na democracia de mercado, que é o capitalismo. Historicamente, tudo que fizemos para nos dirigir para o socialismo deu problema e tudo que nós fizemos para nos dirigirmos para o capitalismo trouxe riqueza. Nós nunca chegamos ao extremo de nenhum dos lados. Nem do tal do socialismo, como afirmam os próprios esquerdistas. Na União Soviética não teve comunismo. No não sei o que, não teve comunismo. Teve um totalitarismo, teve um não sei o que, porque são ideias abstratas, então há uma dificuldade de aplicá-las e não deixar que nenhuma pessoa faça uma exceção.

Eu também falei o que era o capitalismo. Que o capitalismo é uma democracia, que era livre iniciativa, livre concorrência e livre associação. Tu pode juntar com quem tu quiser, tu pode fazer o que tu quiser e tu pode concorrer com quem tu quiseres. Isso é a base do capitalismo, que gera um sistema de tentar resolver problemas dos outros e ganhar riqueza com isso.

Isso acumula uma certa riqueza, uma certa competição por essa riqueza e determinava vários preços da sociedade. Esses preços são justamente a base da lógica do cálculo econômico. O pessoal pediu para eu explicar melhor preço. Preço é uma matéria econômica, existe uma certa complexidade atrás disso. Se fôssemos estender essa pauta, levaríamos o tempo da aula e mais um pouco para fazê-lo. Basicamente, é importante entender que o preço de algo só pode ser fixado, por exemplo, R\$1,80 para uma caneta Bic, porque comprime uma constelação de dados. É como se o preço fosse um arquivo zipado, um arquivo .rar. O preço comprime essa constelação de dados. Que dados são esses, esses infinitos dados que têm ali?

São todas as pessoas que tentaram vender canetas Bics ao longo de toda a humanidade, com todas as qualidades, com todas as diferenças de preço, com todas as diferenças de acessibilidade, com todas propostas diferentes para comprar essa caneta. Um deram certo, outras não conseguiram ganhar dinheiro, outras cobraram muito barato, outras cobraram muito caro. Outras acharam um ponto ótimo. Assim, a gente determinou socialmente, ao longo de muita tentativa e erro, o que era o preço aceitável de uma caneta boa, de uma caneta de luxo, como a *Mont Blanc*, de uma caneta Bic para o dia a dia, de uma caneta Faber Castell para escrever no quadro, que tem uma certa confiabilidade. Deste modo, vamos estabelecendo quem são os soberanos de determinados favores que nos prestam. Eu topo pagar R\$1,80 para Bic, R\$5,00 para Faber Castell, R\$1.800,00 para *Mont Blanc*. Cada um deles quebra um galho na minha vida, cada um deles fornece um favor para mim, e esse é o preço social que nós acordamos que isso está valendo.

Isso vale para sempre? É estático? Não. A todo momento, novas pessoas tentam fazer canetas mais elegantes, de mais qualidade que a *Mont Blanc*; mais baratas e de mais qualidade do que a Bic; mais diferenciadas e mais acessíveis que a Faber Castell. A todo momento, as pessoas tentam fazer isso. Marcas que entregam esse serviço. Produtos que entregam essa qualidade. Preços que entregam competitividade. Acessibilidade melhor, proposta de venda melhor, conversa melhor, em todas as regiões do mundo, em todos os países. E nessa compilação constante, estamos num eterno F5, numa eterna atualização de qual é essa constelação de dados que está sendo comprimida. Um exemplo claro é a *uber*. Um exemplo super citado que diferencia tudo. Ou, por exemplo, o sapato, no século XVIII, era um artigo de luxo. Hoje, todo mundo pode tê-lo.

No início do século XX, o carro era um artigo de luxo. O Ford o popularizou, porque assumiu o risco de aplicar determinado método de produção e falou que todos seriam pretos. Aí, todos carros eram pretos, ele conseguiu dividir o trabalho de forma específica, conseguiu entregar carro a um preço para classe média e mudou a história dos Estados Unidos. Dois funcionários dele falaram 'esse negócio de todo carro ser preto é um absurdo, eu quero que os carros sejam coloridos'. O Ford responde 'aqui só carro preto, porque nós queremos democratizar os carros'. Esses funcionários assumiram o risco de se demitirem da Ford, saírem de lá e falarem 'nós vamos fazer carros coloridos'. E fundaram uma empresa que hoje conhecemos por General Motors. Eles assumiram o risco de fazer a GM, comprar o capital e colocar o risco na frente, botar energia para fazer carros coloridos. Também deram

certo. Ao longo da história, nós fomos descobrindo Enzo Ferrari, Porsche, Lamborghini, Fiat, Volkswagen. Todas essas marcas que nós conhecemos foram comprando o risco ou a tentativa de entregar um outro produto para sociedade que esta aceitasse, recebesse.

Nós fomos, ao longo dessa história, ao trocar dinheiro nosso tempo, nossa energia, que conquistamos para conseguir o dinheiro, por esses produtos e esses serviços, determinando quais eram os soberanos de cada área. Hoje, nós não temos dúvida, por exemplo, que a Volkswagen atinge uma certa soberania no mercado de automóveis. Que a Ford atinge uma certa soberania no mercado de automóveis. Isso não vai ser eterno, não é sempre assim, e também não foi sempre assim. São recortes de tempo onde esses senhores são soberanos por estarem atendendo aquilo que todo mundo espera. Se muita gente reclamar que os carros da Chevrolet são de plástico, eles deixam de ser comercializados. Se muita gente perceber que a Hyundai está entregando carros coreanos com muita qualidade, com muita competitividade, a gente passa a elegê-los como os novos soberanos do mercado de automóveis, enriquecendo-os por esse favor que nos prestam. Basta alguém descobrir como entregar melhor e mais barato que acabou a soberania da Hyundai gradativamente, ao longo do tempo, e, às vezes, ruptura, como é o caso do mercado de táxi e de uber. Preço é complexo, como eu falei, mas é uma maneira de a gente tentar sintetizar.

Isso é o capitalismo. O capitalismo não só é um milagre, como é essa declaração de soberania. Agora, quero falar sobre o que é o Estado para que possamos traçar o paralelo e entender a perspectiva moral entre ambas

iniciativas. Eu estava falando que o Estado, que executa intervencionismo, nada mais é do que aquelas pessoas que são selecionadas pelas pessoas para resolverem determinados problemas, como uma reunião de síndico ou como uma reunião de condomínio, em que elegemos o síndico para ser porta-voz desses problemas. Só que eles não têm dinheiro para resolver esses problemas. Eles não têm dinheiro porque não existiria dinheiro suficiente para construir uma cidade na mão de nenhum. Então, a gente quer resolver o problema do esgoto, não sabe resolver o problema do esgoto. Elegemos esses homens e, como precisam de dinheiro, cobram uma vaquinha. Essa vaquinha obviamente passa a ser compulsória, obrigatória, e é uma espécie de escravidão. Eu não estou aqui defendendo a abolição completa do Estado da noite para o dia. Eu estou dizendo que, metodologicamente, logicamente, é uma escravidão, porque o teu tempo é o único recurso limitado que tu realmente tens e tu usa o teu tempo para aplicar a tua energia, tua iniciativa, para fazer produção. Você troca essa produção por dinheiro e esse dinheiro é uma quantidade limitada. O Estado pega parte desse dinheiro de forma obrigatória. Se tu não atender, tu vai ser preso. Se tu resistires à prisão, tu vai ser morto. Então, tecnicamente, é a definição de escravidão. Tem um problema moral nisso.

O motivo de nós fazermos isso são alguns. Primeiro, por nós não confiarmos na descentralização para resolver determinados problemas. Segundo, por nós acharmos que existem determinadas pessoas que serão excessivamente prejudicadas caso não exista um agente público comum que recolha parte do dinheiro da sociedade e distribua para esses menos

favorecidos que morreriam, na nossa interpretação, se não houvesse essa intervenção.

Como o Estado recolhe dinheiro e executa suas ações? Basicamente, eu dividi em três níveis, em que vamos do menos pior para o mais pior.

A taxação

O primeiro nível é a taxação. O Estado entende que uma determinada parcela da população - na verdade, a população entende, pois é ela quem vai eleger o Estado - não tem condições de acessar recursos mínimos de sobrevivência. O caso do Bolsa Família, por exemplo. E aí ele cria uma taxa, ou seja, a sua produção será cobrada em 10% de tudo que você ganhar, para o Estado recolher esse dinheiro e distribuir entre aqueles que são mais pobres. Pode ser pela pobreza ou pode ser por uma outra iniciativa. Nós queremos ter uma polícia comum, então nós cobramos 15% de taxa e fazemos a segurança de todos. Isso é a taxação. Embora seja escravidão tecnicamente falando, é a menos problemática, porque o Estado não está impedindo você de fazer nada, não está colocando balizas nisso e permite que o conhecimento da sociedade continue se multiplicando por meio de tentativa e erro descentralizadamente, até chegar na solução mais adequada para um determinado setor.

A regulamentação

O segundo movimento que o Estado pode fazer é regular determinado mercado. Com isso, começa a agredir um pouco mais o princípio de livre associação, livre iniciativa e livre comércio. Vamos pegar um exemplo real, a

Anatel. O Estado regula e impõe determinadas regras para atuar no setor de telecomunicações, cujos critérios devem ser aprovados pelo Estado. O Estado só permite, portanto, que aqueles que são selecionados por ele, entrem. Quando ele só permite isso, o Estado corta aquela compilação de dados de que nós falamos, que é determinada pela livre concorrência. Muitas pessoas não poderão tentar vender serviço de telefonia, não poderão arriscar, não poderão criar tecnologia, terão barreiras infinitas de desincentivo para tentar. Isso diminui o progresso que a gente tem dentro do mercado de telefonia.

Para não falar de um mercado que já está estagnado, podemos falar, por exemplo, da Embraer, que é o *case* da aviação, que nós tivemos que privatizar para ter um longo desenvolvimento. O Brasil foi um dos inventores do avião, tem a polêmica entre o Santos Dumont e os irmãos Wright, mas ele foi um dos inventores do avião e nós não conseguimos, por ser estatal, monetizar isso. Nós ficamos trinta anos para trás, quarenta quase, dos Estados Unidos, que conseguiu explodir o mercado da aviação. Nós tivemos que fazer uma privatização. Inclusive, aqui na plataforma, tem a entrevista de quem coordenou essa privatização, o senhor Ozires Silva, um dos fundadores da Embraer, para que conseguíssemos ser competitivos. Depois da privatização, ganhamos uma certa competitividade. No entanto, ainda é um mercado muito regulado, muito fechado. Outro exemplo é a uber e outras empresas que lutaram com os táxis para poder vender um serviço mais barato, mais acessível, mais prático e de mais qualidade. A gente percebe que a regulamentação causa esse problema.

O Salário Mínimo

Quais são as outras regulamentações que não estamos enxergando? Salário mínimo. Vamos começar por ele.

O salário mínimo nada mais é do que uma faixa mínima de preço. O salário mínimo afirma 'ninguém pode ganhar menos de mil reais'. O que o Estado está fazendo como impõe que ninguém pode ganhar menos de mil reais? O Estado não está fazendo com que todos ganhem mil reais. Ele está fazendo com que todas as pessoas que não geram mais de mil reais sejam demitidas. Por quê? O que acontece na lógica da empresa? Lembra que a empresa está tentando entregar o melhor preço possível para competir? O que compõem os preços dela? Os custos e as expectativas de lucro. Alguns indivíduos têm expectativas menores, outros, maiores. Alguns permitem até zerar o lucro em determinados bens, como o caso da Sony, que zera o lucro no Playstation, perde dinheiro na venda do Playstation, para ganhar dinheiro na venda dos jogos. A Sony entende que essa compensação faz sentido, isso torna difícil concorrer com a Sony na produção de videogames, porque não está interessada em lucrar, está interessada em fazer jogos. É um mercado que, se você não quiser fazer jogos, você dificilmente vai conseguir competir de forma agressiva. O salário mínimo faz com que você tenha um custo mínimo de mil reais para cada colaborador que você queira acrescentar na sua produtividade. A produtividade marginal é o que você consegue produzir a mais de resultado nessa empresa, seja na qualidade ou seja no preço, se você tiver uma pessoa a mais na sua empresa. Se essa pessoa não produzir o que justifica os mil reais de salário, mais todos os impostos que sua contratação gera, mais o curso de

energia de administrá-la, de escolhê-la, de correr o risco de botar o colaborador para dentro, a pessoa vai ser desligada, ela não vai ser contratada. Como alternativa, cria-se, por meio de taxaço, um programa de Bolsa Família, que paga R\$170,00. Quantas pessoas seriam contratadas por R\$170,00 por empresas? Eu garanto que muitas. Muitas pessoas seriam contratadas por R\$170,00. O salário mínimo desemprega todo mundo que está abaixo dos mil reais. É uma regulamentação que faz isso.

Existe a lógica da lei de ferro dos salários, que é uma denúncia do Karl Marx na fundação do socialismo. Karl Marx basicamente desenvolve a tese de que se nós deixarmos os empregadores decidirem livremente quais são os salários, vão sempre manter o salário no mínimo possível, da classe da subsistência, para as massas apenas se alimentarem e reproduzirem, a fim de lucrar o máximo possível. Até aí, ele acertou. É exatamente isto que acontece no primeiro momento. A pessoa contratada por mil e ganha vinte mil. Até vir, de novo, o segundo sujeito que olha e fala 'todos aqueles funcionários estão ganhando só mil. Eu posso contratar todos esses funcionários por mil e quinhentos ou dois mil reais, o preço que custaria para esses funcionários saírem dessa primeira empresa, fazer a mesma coisa que essa empresa, ganhar um pouco menos, mas passar a ganhar, uma vez que não está ganhando nada. E vai ser muito difícil que todo mundo não saía de uma empresa para outra. Ele poderia levar, se está ganhando vinte mil de diferença, a três mil reais o salário desses funcionários. E se alguém estiver disposto a aceitar ganhar só oito em cima da produção desses funcionários em vez de dez mil reais, vai propor quatro mil reais de salário para esses homens. Então, a lei

de ferro dos salários não é verdadeira não porque o empreendedor naturalmente é altruísta, bom e doado aos seus colaboradores. Há sujeitos assim? Com certeza, mas o ponto não é esse. O ponto é que, no contexto social, a lei de ferros do salário não funciona porque há competitividade por mão de obra. As pessoas querem essa mão de obra.

Por que os sindicatos não exigem que os salários mínimos sejam de dez mil reais? Porque sabem que se o salário mínimo for de dez mil, um desemprego vai acontecer. Então, tentam uma negociação dentro da classe política, dentro dos moldes, para ter uma grau de aceitabilidade. Eles sabem disso, dessa inviabilidade. Não existe essa coisa de lei de ferro. Quando o Estado determina um salário mínimo de mil reais está, na verdade, desempregando todo mundo que gera menos de mil reais de riqueza, está impedindo que as pessoas tenham uma primeira experiência de trabalho para que possam começar a valer mais, para que possam conhecer pessoas. O Estado está impedindo tudo isso e gerando uma subsistência para essa pessoa por meio de um assistencialismo, de uma Bolsa Família ou de qualquer coisa, que é um segundo erro do Estado, de R\$170,00. Quantas pessoas seriam contratadas por R\$170,00? A facilidade de monetizar isso é muito grande. De novo, uma outra pessoa perceberia que aquele indivíduo está contratando funcionários muito bons por R\$170, contrataria-os por um salário mais alto de R\$350,00. Ou, dentro de uma empresa, um funcionário se mostraria muito bom e passaria de R\$170 para R\$800, 00, para R\$1.500,00, para R\$2000,00, para R\$5000,00. Ele pegaria o dinheiro, usaria para se capacitar. Assim, começamos a criar a lógica. Outro ia pegar o dinheiro, tomar cachaça, é a livre iniciativa dele, e não ia se

capacitar. Mas nada que não aconteça também com o Bolsa Família. Então, essa lógica de regulamentação, no caso do salário mínimo, é uma lógica de mantê-los na pobreza.

O caso chinês

Aqui, eu gosto de uma frase que é preciso utilizá-la. Não existe mais pobreza. Não existe mais pobreza. O que existe são políticas que impedem as pessoas de não viverem na pobreza. Exemplos claros: Singapura, década de 1970; China , Hong Kong, na década de 1960; Polinésia, na década de 1940; Islândia, no final da década de 1980, início da década de 1990 ; Lituânia, Estônia, Letônia, países da ex-União Soviética. O que esses países tiveram em comum? A partir de um determinado momento, esses países enfrentavam tanta, mas tanta pobreza, que resolveram baixar o máximo possível regulamentação.

Quando a China fez isso em Hong Kong, que é o exemplo mais notório, em que basicamente zerou a regulamentação, zerou o imposto, o indivíduo podia fazer o que quisesse lá, lembram dos boatos? A Nike trabalha com trabalho escravo. A Nike paga \$1 por criança. Esses eram os boatos das décadas de 1980, 1990. Boatos sobre a Nike, não sei, mas sobre a verdade chinesa, fato. Acontecia exatamente isso. As crianças trabalhavam por \$1 para fazer tênis numa carga horária de doze horas por dia. O que aconteceu? Antes, essas crianças estavam morrendo de fome. A família dessas crianças estava morrendo de fome, estavam na pobreza absoluta. Elas começaram a produzir por \$1. Daqui a pouco, a Adidas viu que a Nike estava produzindo lá e decidiu ir

produzir lá também, porque achou uma baita ideia. A Adidas foi para lá e contratou por \$1. Aí a Zara foi para lá e contratou por \$1 também. Logo logo, já não tinha mais criança a \$1 para contratar. As empresas tiveram que começar a contratar por \$3. Passado um tempo, um empresário está crescendo a produção na China, precisa contratar mais funcionários, pois está vendendo para o mundo inteiro, e resolver contratá-los por \$6, \$10, \$11. Até que a renda *per capita* da China se elevou à mesma renda *per capita* dos Estados Unidos. Foi um movimento de trinta anos que aconteceu, que a gente trouxe a mesma riqueza para China que a gente tinha nos Estados Unidos. Por quê? Porque as pessoas começaram a ter vantagem produzindo lá, até que, entre aspas, empregou todo mundo, porque não existe empregabilidade plena, só nos totalitarismos, empregou boa parte da mão de obra produtiva e começou a competir por essa mão de obra. Essa mão de obra começou a se capacitar, começou a ir muito fluxo de dinheiro para lá, começou a desenvolver mercado interno. Hoje, quem já teve a oportunidade de visitar Hong Kong, embora a China seja comunista, é o lugar mais livre economicamente do planeta e eles sabem que isso é uma ótima estratégia para se capitalizar financeiramente. Eles resolveram o problema da pobreza e saíram de uma favela a céu aberto nos anos 1960, para o lugar mais desenvolvido economicamente do planeta, em quarenta anos. Singapura passou pela mesma coisa, manteve as intervenções na liberdade de pessoa física, lá tem muitas intervenções sobre a liberdade da vida privada, mas não tem intervenção na liberdade econômica. A Suíça é um exemplo mais duradouro, em que já se faz isso há bastante tempo. Aí começamos a ter vários exemplos de países que simplesmente fizeram isso.

Eu quero fazer um paralelo, ainda nessa lógica, de como tirar a pobreza dos países com o exemplo histórico aqui do Brasil, que é quando descoberto ouro em Ouro Preto, em Minas Gerais. Ouro Preto é um lugar, eu já tive a oportunidade de visitar na série Brasil - A Última Cruzada, simplesmente no meio do nada, no meio de uma mina, todo irregular, não faz sentido nenhum morar em Ouro Preto. É uma cidade muito linda, cinematográfica, estética para caramba, mas economicamente, do ponto de vista da viabilidade, não existe motivo logístico para decidir morar em Ouro Preto. Nenhum. Por que Ouro Preto se desenvolveu, tem um monte de igreja, sendo que uma delas tem seiscentos quilos de ouro, tem um monte de gente que morou lá, um monte de gente que ficou rico e barões de Minas Gerais que saíram de Ouro Preto. Porque descobriram que lá havia minério de ouro. O que eles começaram a fazer? Eles substituíram cavalo por burro, para o burro poder carregar coisas. Todo mundo começou a inventar coisa para conseguir ir morar em Ouro Preto. Veio o feijão tropeiro. Tropeiro era o responsável por trazer as coisas pela estrada, porque não tinha nada lá. Começou a se abrir estradas, os padres abriram estradas, fundaram igrejas para desenvolver comunidades locais e Ouro Preto simplesmente se transformou num ponto de muita produção econômica, enriquecendo muita gente, inclusive o Brasil, em boa parte, produção intelectual. Há grandes arquitetos que saíram de Ouro Preto. Nós temos grandes pensadores que saíram de Ouro Preto. Uma produção artística imensa, o barroco mais valioso do Brasil está em Ouro Preto. Aí a gente percebe que a coisa muda um pouco de figura. Teve questão de filosofia religiosa que foi desenvolvida lá no período. Consolidamos Ouro Preto na

história do Brasil justamente por ter uma oportunidade de riqueza imensa lá e todo mundo deu um jeito de ir.

Como livrar o nordeste da pobreza? Aqui tem um ponto que eu boto minha mão no fogo de como fazer. É só repetir a fórmula. Esse é o ponto que nós já testamos naquele eixo socialismo x capitalismo, não está no ponto utópico, é só nós nos convenceremos de fazer isso. Se nós zerarmos a regulação no nordeste, o que vai acontecer? Eu que pago aqui, como empreendedor, quase trinta e tantos por cento de imposto sobre o que eu ganho, eu vou mudar toda minha produção para o nordeste. Talvez eu não mudasse, porque existe um fator menor aqui, mas para quem tem dois mil funcionários, para uma Gerdau da vida, que é uma siderúrgica importante aqui de Porto Alegre, o custo de ela mudar para lá *versus* o custo de todo mês ter de pagar 30% de não sei quantos bilhões de faturamento, é algo desproporcional. A Gerdau vai mudar todo mundo para lá e o que acontece? Todo mundo ganha dinheiro. Aí virão os denunciadores do politicamente correto dizer 'mas as pessoas estão ganhando R\$150,00 no nordeste. Isso é um absurdo. Sim, mas elas agora estão morrendo de fome, desempregadas. É uma questão só de tempo de uma empresa para lá, pagar R\$150,00, ir outra empresa, empregar outra galera por R\$150,00, esse movimento começar a empregar toda mão de obra do local, essa mão de obra começar a se capacitar e os *players* começaram a concorrer entre si para comprar essa mão de obra, porque eles também podem lucrar. O nordeste vai ter um influxo de capital, de capitalismo, tão grande, tão gigante, num período tão curto na história do Brasil, que vai ser simplesmente sair da pobreza absoluta para riqueza absoluta. Isso já aconteceu em outros períodos

com o capitalismo muito menos desenvolvido. Nordeste nem sempre foi pobre. O Recife, por exemplo, guarda a Universidade de Direito, teve a época da colonização holandesa, foi um centro de prosperidade, e a gente tinha que aprender mais com esse tipo de mentalidade. Inclusive, expulsamos os judeus que foram para Manhattan e construíram um lugar insignificante chamado Nova Iorque, porque não entendemos bem qual era a lógica deles de livre mercado e resolvemos puni-los. Então, é importante a gente ter esses aprendizados históricos como uma compilação de erros e acertos que a gente vai tendo e vendo 'por aqui a gente pode ir. Não estou arriscando toda humanidade para tentar isso aqui. Isso aqui eu posso testar, porque sempre que foi feito, deu certo'. Tem gente que vai passar fome no nordeste depois disso? Tem. Tem gente que vai passar trabalho? Sim. Vai dar seca em alguma região? Vai. Mas hoje isso está acontecendo numa proporção que é inaceitável perto do que nós poderíamos fazer. E por que nós não fazemos isso? Pela mentalidade anticapitalista. Eu entendo que incomoda, mas aqui há de existir um certo pragmatismo de perceber que se um empresário vai lá e emprega todo mundo a R\$150,00 e ficar bilionário com isso, vamos nos incomodar muito, vamos ficar com muita raiva. Tu vai olhar e falar assim 'eu não acredito, esse cara é um explorador, ele está bilionário empregando mão de obra no nordeste a R\$150,00. Ele não está bilionário empregando mão de obra no nordeste a R\$150,00 explorando. Ele está bilionário porque está dando oportunidade de emprego para um monte gente e está construindo produtos com preço acessível para um monte de gente. Uma empresa que já faz isso, não conheço as outras práticas da empresa, não tenho relações para saber se é boa

ou não, mas que caiu numa polêmica recente agora é a Riachuelo, com as facções de costura que tem no nordeste. Os caras querem proibir as facções de costura. Eles querem tirar o emprego da mulher que está costurando lá porque acham que ela ganha pouco. É isso que eles querem fazer? Ou, então, todas essas tentativas de ser paladino da justiça sendo que eles não vão oferecer outro emprego, eles não vão cobrir a renda e qualquer iniciativa que eles tentem defender vai baixar o padrão de vida daquelas pessoas. Da mesma forma que o sapato era um produto de luxo no século XX, e hoje é um *commodity*, qualquer um pode comprar de R\$30,00 até R\$5000,00, a gente também ganha isso no capitalismo. O capitalismo permite que exista todo degradê, entre todas as condições possíveis, para pagar R\$30,00, R\$49,00, R\$70,00, R\$100,00, R\$120,00, R\$250,00. Cada um se porta de acordo com suas condições e essa produção faz com que a coisa aconteça de diversas oportunidades.

Então, a regulamentação de salário mínimo mata a riqueza, ela estabelece a pobreza e as taxações excessivas desincentivam as pessoas que não conseguem lucrar com aquilo.

Vamos supor que uma outra indústria local aqui de Porto Alegre, é a Grendene, é uma multinacional muito grande, dono de marcas como a Melissa, tem uma lucratividade recorde. Eles são muito eficientes no que fazem. Eles ganham quase 30% de lucratividade no seu balanço. Um cara que ganha 30% de lucratividade, no mercado, é um cara que ganha muito bem. Mas, muita gente, aqui de Novo Hamburgo, não conseguiu competir com a China na importação do sapato. O que a China fez, vocês lembram? Acabamos

de falar. A China foi lá e zerou a tributação. Era possível ir lá produzir sapato, que foi o que o Grendene fez, a \$2. Enquanto isso, o empresário aqui de Novo Hamburgo tinha que produzir sapato, pagando imposto, de forma quase artesanal, porque não tinha desenvolvimento tecnológico. Eles não conseguiram. Toda Novo Hamburgo, que é um polo de produção de couro e de indústria têxtil muito forte no Brasil, faliu. 90% de Novo Hamburgo faliu. Porque o empresário aqui de Porto Alegre, que não tinha nenhuma tradição na venda de sapato, começou a produzir na China e fez a Grendene, que tem 30% de margem de lucro. Mesmo tendo que trazer o produto da China para cá, ele conseguiu 30% de margem de lucro, enquanto o empresário que produzia ali em Novo Hamburgo com os próximos dele, não conseguiu. A China roubou a produção mundial só porque baixou as taxas e as regulamentações. E a gente ainda insiste em dizer que isso é problemático. É muito difícil entender essa postura, mas nós estamos desempregando toda Novo Hamburgo quando a gente decide isso.

Uma outra empresa que tem 4,5% de margem líquida. Como essa empresa vai sobreviver com 27% de carga tributária? Como vai ter 30% de imposto numa empresa que tem 4% de lucro? Essa empresa vai estar 23% devedora de imposto. Se tu retirasse o imposto dessa empresa, ela estaria 4% em lucro. Então, todas as pessoas que ela pode empregar com isso, estariam empregadas; toda riqueza que o dono dela pode gerar, seria gerada, mas não está porque está taxada.

O argumento, óbvio, é que isso é um custo que gera um ganho maior do que o prejuízo. O ganho é que o Estado recolhe esse dinheiro, estabelece

algumas regras e fornece alguns serviços públicos. Nós não precisamos dizer, que o Brasil, por ser 122º, caiu para 126º e depois 132º na *Heritage Foundation* e na *Index of Economic Freedom*, em liberdade econômica, também é o país mais violento do mundo em homicídios absolutos, sexto mais violento do mundo em homicídios *per capita*, a cada 100 mil habitantes, também tem uma das piores saúdes do mundo, uma das piores educações do mundo. Listamos vários serviços que está sendo prestados pelo governo que já seriam suficientes para nos fazer repensar essa postura de entregar uma taxa tributária tão alta em prol de um serviço que nós não acreditamos mais. A proposta era, indiferente do princípio moral do liberalismo, por isso que eu digo para nós abandonarmos a postura academicista de 'porque segundo Mises, segundo Hayek, segundo Fulano de Tal...' e adotarmos a postura 'pera aí, estou pagando 30% de tudo que eu ganho, todo mundo que não lucra acima de 30% está quebrando, não tem como manter a empresa, que geraria emprego, que geraria consumo, que geraria renda, para o governo levar o dinheiro'. A gente fica falando que Brasília é um absurdo, que os caras gastam não sei quanto, que não tem saúde pública, que nenhum *ranking* entrega nenhuma qualidade de serviço público. Então, é só empiricismo dizer que isso não funciona.

O Protecionismo

Que outro tipo de regulamentação genial existe? Protecionismo. Como os caras resolveram esse problema? A China roubou os nossos empregos. Não é o 30% de imposto que roubaram, é a China que roubou os nossos empregos.

Então, fazem o seguinte: produto chinês ou não entra ou entra com uma carga absurda de imposto. Parabéns, você continua cobrando 30% de quem produz e agora um produto que ia chegar barato para o comprador, chega caro. Olha só como isso foi equilibrado. Ele manteve o problema da produção e da geração de emprego e dificultou o acesso ao bem barato. Ou seja, não tem como produzir barato dentro do Brasil e os bens que chegam de fora que seriam baratos, não tem como comprar. Aí o lojista não pode vender barato, o consumidor não pode comprar na qualidade que poderia se não houvesse a tributação e essas empresas locais não são incentivadas a serem mais competitivas ou, no mínimo, fazerem pressão como grupo organizado no governo para que não haja essa intervenção e que eles consigam baixar o imposto. Por um auto-interesse, por um grupo com uma miopia, eles lutam pelo protecionismo. Como lutam os fazendeiros, por exemplo. Na verdade, o empreendedor só está fazendo o que ele sempre faz. Ele é auto-interessado, ele quer ganhar dinheiro e ele acha que se não vender para China é isso aí. Mas, como grupo, como política pública, não faz sentido a gente manter essa intervenção com um grau de violência tão alto. Esse é o problema do protecionismo.

A Proibição

Outro problema clássico é a proibição. Hoje temos um problema insolúvel. O problema das drogas no Brasil é insolúvel. É um quinto poder, entendendo a mídia como quarto, que favorece os caras, e o mercado de drogas como o quinto. Por quê? 'Ah, então vamos legalizar'. Se legalizar hoje,

caiu a casa, porque a quantidade de dinheiro que esses caras fizeram, a quantidade de arma que eles venderam, o jeito como eles se capitalizaram e se organizaram, se cair a proibição, teremos a FARC como o principal partido da América Latina. Vai ser incrível o poder dos caras, não vai ter como tirar da mão deles, eles que vão fazer transações infinitas, tu vai premiar o crime. Talvez a médio prazo funcione, mas não sou eu quem vou defender isso. Não sei como toca o problema. Vocês criaram um problema insolúvel e a gente não tem essa experiência, pelo menos que eu conheça, para resolver. Mas, vocês quiseram criminalizar de um jeito errado. Fizeram desde o início a proibição total do acesso sem política de segurança pública. Aconteceu que vocês criaram um império. Eles têm bilhões, compram armas do exército russo através de helicóptero, compram parlamento, compram deputados, compram mídia, compram jornalistas, tudo de dentro do mercado do crime que é um livre mercado na marra. É isso que é importante dizer. É um livre mercado não é moral por si mesmo, ele é na marra. As pessoas vão lá e fazem. É o caso clássico, espero que esteja chovendo no molhado com ele, da Lei Seca na década de 1930 nos Estados Unidos. O governo dos Estados Unidos proibiu o uísque. O Al Capone, um mafioso famoso na história, decidiu vender uísque no mercado negro. Ele era contra a lei, mas todo americano queria tomar uísque. Então, a democracia do consumidor falou 'me dá esse uísque aqui, eu pago o uísque'. Ele vendeu o uísque muito mais caro do que se venderia nas lojas, as pessoas continuaram tomando uísque e enriqueceram um homem que tinha um mercado do crime. Tem um famoso filme muito bom chamado "Os Intocáveis", que conta a história do Eliot Ness, que é o detetive que caçou o Al

Capone. O filme é com o Robert De Niro e com Sean Penn, se não me engano. É muito bom o filme, dirigido pelo Brian De Palma e premiado no Oscar, que não é grande coisa. Esse ponto de proibição é uma outra maneira de regulamentar que gera uma certa estupidez e cria problemas insolúveis ao longo do tempo.

Existem muitas polêmicas aqui. Muitos debates que nós poderíamos abrir. Naturalmente, vocês poderiam objetar e pergunta questões como “E o aborto, podemos proibir ou não pode?”. Sempre vem a mesma. Existe basicamente uma discussão no aborto, de cunho moral. A discussão é se o aborto é um homicídio ou não é. É essa a premissa que fundamenta a discussão. Diferentes vertentes adotadas, vão adotar diferentes posturas. Um homem cientificista vai entender que é a partir de três meses; um cara cientificista que entende que a vida é gerada a partir do momento da concepção, um homem religioso, vão ser contra. São diferentes perspectivas que vão se chocar até chegar num senso comum e vai influenciar a opinião pública para saber qual é a política a ser adotada. Estou fazendo aqui a análise mais sem juízo possível da prática social como promete o nome da aula.

Taxar é quando o Estado cobra para fazer alguma coisa por nós. Regular é quando coloca regrinhas no jogo e cria essas leis de desincentivo e proibições, etc.. Aqui vem a maior burrada de todas, que é a administração.

A administração estatal

Para chegar na administração, o Estado tem que estar taxando e regulando. Ele não pode pular essas etapas. Para chegar na regulamentação, o

Estado tem que taxar. Qual é o grande problema? Quando o Estado regula, não cria só a regulação. O Estado tem que se certificar que a regulação está sendo cumprida. Então, não custa apenas o preço de não fazer as coisas que o Estado ordena que não sejam feitas ou de fazer as que ordena que sejam feitas. Custa a quantidade de pessoas que o Estado determina que precisa para fiscalizar um país inteiro sobre determinada produção. Quanto maior for o número de regulamentações, maior o volume de pessoas e de regras que precisam ser fiscalizadas. Hoje o Brasil, com seu número de leis que beira as cem mil, já não tem mais como regular, não tem mais como verificar. Eles sabem disso. Isso faz nascer no direito termos como 'lei pegou' e 'lei não pegou', que é um absurdo. Essa lei pegou. Ah, essa lei não pegou. A lei é uma tentativa. É um livre mercado de leis.

Na administração, o Estado taxa, regula o mercado e resolve fazer. Cara, o Brasil resolve entregar carta. Ele acha que o empresário não tem competência para entregar carta. Por algum motivo, ele acha que o empresário tem competência para vender comida, mas para entregar carta, não. Ele acha que o empresário tem competência para entregar arroz na mesa de todo brasileiro, carta, não, carta é muito complicado, muito difícil, muito perigoso. Deve ter uma tese comunista por trás disso, não é possível. Eu não conheço nenhum artigo, mas tem que ter algum motivo estratégico para controlar a correspondência das pessoas, porque não tem nenhuma justificativa. O que faz o Estado querer entregar carta? Não só entregar carta, como é o órgão oficial. Como Brasil tem um Estado inchado e é natural que, quanto mais poder a gente entregue para o Estado, mais ele vai ser inchado,

30% do PIB nacional é estatal, então 30% dos pagantes de carta é o governo, que compra dos Correios e tudo mais, dá prejuízo, quem paga é o consumidor, eles não se preocupam em administrar, porque é do imposto que vem o dinheiro, ninguém está ganhando nada, ninguém fica rico se tudo der certo, ninguém fica pobre se tudo der errado, diferente do empreendedor que, se falir uma empresa, os imóveis dele vão a leilão, o carro dele vai a leilão, o grupo de amigos dele vão falar 'ba, que droga, o cara faliu', vai perder credibilidade, a mulher vai embora, o filho tem que sair da escola. Tudo acontece na vida do cara. Há todos os incentivos do mundo para que ele não perca aquela batalha. Já na vida do presidente dos Correios, que é nomeado pelo presidente, é diferente. Ele entra lá, ganha 35 mil reais por mês, aposentadoria eterna depois que sair, uma série de benefícios. Nisso já ganha 70 mil reais. Se for de má fé, consegue roubar e colocar uns 300 mil por mês no bolso, no mínimo. Esse homem fica lá concedendo favores, fazendo a administração, quatro anos depois saiu e é mais ou menos isso aí.

As formas de gastar o dinheiro

Como diria Milton Friedman, existem quatro formas de a gente gastar o dinheiro. A primeira forma é gastar nosso próprio dinheiro conosco. Nesse caso, vamos ser super criteriosos com a qualidade, super criteriosos com o preço. A segunda forma é gastar nosso próprio dinheiro com os outros. Vamos ser super criteriosos com o preço, mas nem tão criteriosos com a qualidade. A terceira forma é gastar o dinheiro dos outros conosco. Vamos ser super criteriosos com a qualidade, nem um pouco criteriosos com o preço. E a quarta

e última forma, que é gastar o dinheiro dos outros com os outros. Neste caso, não nos importamos nem qualidade nem com o preço, porque o dinheiro não é meu e eu também não vou usar esse serviço. É exatamente o caso de toda classe política. A pessoa entra nos Correios, entra na administração pública, entra na administração de uma universidade federal, salvo elemento de vocação, ele não vai se preocupar em executar bem isso. Mesmo que ele tenha vocação, está inserido num sistema de comodidade em que com certeza não são todas as pessoas que estão ali por vocação e ele depende dessas pessoas para a extensão da ação dele.

O Estado administra várias coisas hoje e a janela de Overton, sobre a qual conversamos no início da aula, determina basicamente quais são essas coisas administradas. Por que as telefonias são reguladas? Por que a Petrobrás é administrada por eles? Por que os Correios são administrados por eles? Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, que são empresas do Estado. A gente até comenta sobre esse caso de Brumadinho que deu com Vale. Primeiro ponto, antes de sair defendendo e parecer que eu estou, poderia acontecer esse mesmo problema em qualquer outra sociedade capitalista. Vai dar muita se tiver qualquer uma dessas, porque é tentativa e erro. As pessoas erram. Sempre que tu partir do pressuposto que tu quer construir um mundo sem falhas, vai dar um problema muito grande. Não tem como ter um mundo sem falhas. Tem sete bilhões de pessoas tentando coisas ininterruptamente, 24 horas por dia, sete dias por semana, *ad eternum*. Não vai dar para não dar problema. Vai dar o tempo inteiro, toda hora, essa é a história da humanidade desde que nos conhecemos por gente. O interessante é nós termos práticas

que já sabemos que diminuem e melhoram as situações. Vamos sendo conservadores e aprendendo com tentativas e erros. Poderia dar esse problema em qualquer lugar, porque teve uma empresa alemã que auditou esse negócio. É uma tragédia horrível.

Para deixar claro, a Vale não é uma empresa privada bem como se diz. 27% dela é do governo. É um bom sócio. Então, não é bem assim. Além disso, o governo tem as chamadas *golden shares*, que são ações de ouro, numa tradução meio tosca do termo, que são ações de poder especial que permite votar vários aspectos e determinar qual é a ação que a empresa vai tomar. Ou seja, o governo é um sócio que se chama ostensivo. Ele praticamente determina qual é a diretriz da Vale. Segundo ponto: é um mercado absurdamente regulamentado e, anteriormente, estatizado. Eram estatais que fizeram privatizações muito mal feitas, como a gente já sabe ao longo da história do Brasil, e depois ficaram gravemente regulamentadas e continuaram tendo o governo como sócio dessas empresas. Eles têm todo esse problema de conjectura.

Além disso, como se faz para multar a Vale se o governo é sócio da empresa? A justiça não é estatal? Quem vai multá-los? Pensa em uma empresa que faz o seguinte: nós cometemos um erro e temos que estabelecer a nossa multa. Quanto nós faturamos por mês? Exemplo: dez milhões. Quanto é a multa? Vai estabelecer uma multa de cem milhões, porque é o que custa para cobrir o dano de todo mundo. Mas cem milhões a empresa quebra. Então, estabelece-se um valor mais abaixo. Se a justiça fosse independente da empresa não existiria esse cálculo do 'vamos fazer um pouquinho mais

abaixo'. Seria o cálculo da indenização. Por a empresa não ser independente por quem julga ser a mesma pessoa que paga, eles fazem um acordo de cálculo entre o que dá para pagar, o que pode pagar e não quebra a empresa. É um absurdo isso.

É a mesma coisa que toda empresa determinar, pelo consumidor, o quanto ele vai pagar, em vez de tentar que ele pague. É um conflito de interesses simplesmente ridículo.

O caso brasileiro *versus* o caso americano

Um outro exemplo muito bom que eu anotei para trazer. O que aconteceu com o Brasil no Segundo Império e com os Estados Unidos? Pensa bem. Os Estados Unidos eram conhecidos por serem as treze colônias que se rebelaram e tem na sua origem *no taxation without representation*. Segunda aula do Ricardo Gomes que vocês podem assistir aqui no núcleo. Os Estados Unidos têm isso em seu embrião. Uma livre associação entre treze colônias para ir contra a tirania e manter o conservadorismo das práticas que eram mantidas antigamente pela taxaço excessiva. Essa é a origem dos Estados Unidos. A independência deles se dá em 1776. A nossa independência se dá em 1822. Olha essa diferença de data na independência e vamos tentar entender por que os Estados Unidos virou aquela mega potência gigantesca, principal economia do mundo em questão de inovação, e por que o Brasil é o centésimo e alguma coisa. Alguém pode objetar que o Brasil é a sexta economia do mundo. Sim, porque tem duzentas milhões de pessoas. Se falarmos em renda *per capita*, qualidade de vida e riqueza *per capita*, somos centésimo e alguma

coisa. Os Estados Unidos arrancou mais ou menos em igualdade com a gente, no Segundo Império estávamos mais rico que eles, é difícil, dói aceitar isso. Ouro Preto se comparava a riqueza de Nova Iorque. Eu acabei de citar Ouro Preto. Inclusive, a gente mandou os caras para Nova Iorque. Quem já conheceu Nova Iorque sabe a quantidade de judeu ortodoxo que tem lá. Nessa época, acontece uma coisa fantástica. O governo do Brasil, corretamente, verifica que o café está dando muito dinheiro. Corretamente pois estava mesmo, estava dando horrores de dinheiro. O governo fala 'que maravilha! O café é a melhor coisa que existe. Vamos incentivar todo mundo a fazer café. Vamos fazer o *funding loan*, feito na década 10 do século XX, que vai isentar impostos de fazer café'. O que o governo criou? O incentivo imenso para fazer café. Se for fazer sapato, o empreendedor precisa pagar impostos e vários outros encargos. Se plantar no café, o empreendedor não paga nada disso. Para onde foi toda capital da gente que tinha dinheiro, das oligarquias brasileiras? Foi tudo para o café. 100% para o café. Nos Estados Unidos, não teve isso. Então, todo mundo tentava de tudo. Um empreendedor tentava fazer carros, outros, sapatos e etc.. Com isso, desenvolveu indústria corina, conseguiram descobrir o aço, Rockefeller conseguiu descobrir o petróleo, Ford conseguiu popular o carro, tudo isso mais ou menos na mesma década. Para fechar com chave de ouro, no final da década, Thomas Edison inventou a lâmpada. Aconteceram algumas coisas na comunidade americana, todos estavam tentando. A industrialização dá um salto. O gráfico Brasil/Estados Unidos vem competindo. De repente, os Estados Unidos cresce exponencialmente de um jeito que nunca mais vão chegar nem perto de alcançar. Os Estados Unidos consegue isso se

industrializando. O Brasil fica fazendo café. Economia primária de *commodity*. Todo mundo fazendo café. Alguém fala 'senhor Matarazzo, me empresta vinte mil (da moeda da época) para eu poder fazer aqui o meu sapato'. A resposta dele é 'tá maluco, se eu coloco o dinheiro no café não tem risco. Se eu perder dinheiro, o governo me reembolsa'. O governo reembolsava o sujeito que perdesse dinheiro no café. 'Ninguém perde dinheiro no café. Reembolsa que não tem problema'. Realmente. Chegava um outro sujeito e dizia 'olha a ideia que eu tive aqui. Vamos colocar trem em todo Brasil'. Teve esse projeto de colocar trem em todo Brasil. O outro olha e fala assim 'muito dinheiro, muito risco, imagina só, se eu coloco no café, não tem risco nenhum, eu só ganho'. Então, isso aconteceu com todas as tentativas de investimento. Já Rockefeller, quando descobriu o petróleo embaixo da sua casa, e afirmou que achava que conseguia transformá-lo em gasolina e fazer diversas coisas, os caras falaram 'quanto custa isso?'. Deu quebra-cabeça aqui e ali, 'tá, vamos tentar'. Ford, quando desenhou um carro e falou 'acho que eu consigo vender barato', homens com dinheiro avaliaram seu projeto e decidiram tentar e investir dinheiro na ideia. Por quê? Porque todos eles tinham capital e queriam aplicar em alguma coisa que pudesse dar retorno. Então, claro que uns diziam não, outros diziam sim, mas aqueles que eram aptos a risco, tomavam o risco. No Brasil, não existia apto a risco porque tinha uma alternativa de ganhar dinheiro sem correr nenhum risco. Estados Unidos explode e o Brasil, na década de 1930, o senhor presidente Getúlio Vargas sofre uma certa consequência dessa prática do *funding loan* e do reembolso das perdas. Olha como as coisas se conectam. Temos uma superprodução de café. Todo mundo resolveu fazer

café, temos uma megaprodução. O preço do café vai despencar, toda indústria do café vai quebrar, o Brasil inteiro é baseado no café, o Brasil vai afundar. Por erro do Estado, claríssimo. Getúlio Vargas toma uma decisão inteligentíssima. Ele diz 'não vai acontecer isso, vamos jogar café no mar, porque vai ter menos café e a oferta e a demanda vão se regular'. Eles jogam café no mar. São mais de 80 milhões de toneladas de café que foram jogadas no mar. Eu fico pensando se houvesse Greenpeace na época, o que eles diriam. A gente afundou a industrialização do país, afundou a aptidão ao risco para desenvolver novos bens. Os Estados Unidos, por outro lado, decolou, sendo que a gente competia com eles de igual para igual. Como consequência disso, os Estados Unidos se tornou o país mais rico do mundo e nós nos tornamos o país do café, com muito café, tem que jogar café fora se não vai cair o preço de tudo vai desempregar todo mundo. Não preciso dizer que jogar oitenta milhões de toneladas de café no mar não deu certo e a gente teve a crise igual. Aí começou a desandar muito. Episódio 6 da série de história, Era Vargas. Ele começa a cometer erros mais graves que esse, mais totalitários. Como querer apoiar a Alemanha nazista na Segunda Guerra e ter que sofrer uma pressão do público para dizer 'não, então não vamos com os nazistas'. Teve a lei de usura, proibiram juros. A família Médici já tinha enriquecido na Itália fazendo juros no século XVII. Todo renascimento veio dos homens que cobraram juros. Se tu gosta de Leonardo da Vinci, tu tem que gostar do juros. Não tem como gostar de um sem gostar de outro. Quem bancou Leonardo da Vinci, Michelangelo, Bernini, toda essa gentinha aí do renascimento, que eu gosto muito, gentinha parece pejorativo, quem bancou foram os banqueiros. Não teve outra pessoa.

Eram os Médici e o papa. Tem que gostar da Igreja e tem que gostar dos caras que cobram juros se tu gosta do renascimento e da arte, não tem escolha. Não existiria sem isso. Os tais dos mecenas.

Voltando aqui para o ponto do Brasil, o Carlos puxou uma ótima pergunta. Eu falei aqui das intervenções, da administração, e eu queria agora me encaminhar para o final mencionando a mentalidade anticapitalista. Aqui é o lado que eu quero pegar um pouco mais pesado porque eu sei que é a natureza humana. Por que se o capitalismo tem todas essas benesses, todas essas maravilhas e a pobreza poderia ser exterminada a qualquer momento, não dá certo? Por causa da inveja, da soberba e de alguns pecados que já são famosos desde São Tomás de Aquino. É só a gente olhar para a Alta Idade Média que encontramos a resposta do porquê o ser humano resiste contra essas iniciativas. Eu citei aqui, mas eu não quero que vocês acreditem em mim. Eu quero que vocês pensem, que vocês olhem para a sociedade e percebam o que é vendido por uma empresa para você e o que é entregue pelo Estado. Comparem o país capitalista com o país socialista. Olhe para a realidade e comece a tirar as tuas próprias conclusões. Você vai ver isso.

Um último exemplo antes de trocar para mentalidade anticapitalista. Quando o Estado determina que vai existir SUS, o que ele está fazendo? Ele está criando uma oferta a preço zero. Com oferta a preço zero, não se torna atrativo para empreendedor tentar uma oferta a preço de R\$30,00, porque as pessoas que têm esse potencial aquisitivo vão para o SUS. Então, ele impede o empreendedorismo de baixo nível na saúde. 'Tu está defendendo que as pessoas têm que ter baixo nível na saúde?'. Sim, elas já têm. O que o Estado

impede é que alguém faça como fez o empreendedor do Dr. Consulta ou de outras iniciativas no Brasil que fazem serviços gerais para casas com menos qualidade e com mais acessibilidade. O Estado faz programas como “Mais Médicos”, entre outros, mas não acontece, pois está zerando a oportunidade de o empreendedor vir para cá. Por que a faculdade custa dois mil reais ou zero? Mais ou menos esse o padrão. Porque já tem a opção do zero. É difícil competir com a alternativa de R\$400,00, porque não tem esse nicho. Ou eu estou cobrando mil e alguma coisa das pessoas que querem uma faculdade privada, ou estou cobrando zero das pessoas que querem uma faculdade pública. É difícil competir, porque R\$400,00 é o preço do cursinho para o estudante tentar passar na federal. É complicado competir com isso. Esse é outro aspecto da regulamentação e da administração do governo, que impede que exista livre iniciativa e livre comércio. Não é bem assim fazer educação no Brasil. Leva no mínimo dois anos para tu ser aprovado no MEC, não fazer nada do jeito que tu quer e fazer exatamente como eles querem. É por isso também que não dá certo.

A MENTALIDADE ANTICAPITALISTA

Mentalidade anticapitalistas. Pecado. São Tomás de Aquino. Inveja e companhia. O capitalismo estraçalhou com as pessoas, porque na Idade Média, o que acontecia? Não quero voltar à Idade Média que vocês estão imaginando, com campo afastado, feudais e uma música gótica tocando. Vamos ir um pouco mais adiante, renascimento urbano, sociedade de *status*, guildas, Florença, companhia. Nessa época, nós tínhamos a aristocracia. A

aristocracia eram aqueles que eram nobres por títulos herdado de direitos. Também havia a classe burguesa, que eram guildas que determinadas famílias estavam autorizadas a produzir determinadas atividades de comércio. O ser humano nascia ou em uma ou em outra classe. Salvo algum fator de sorte ou de algum mérito excepcional, não existia a migração. A pessoa sabia que morreria e casaria com seus pares de sua classe. Isso gerava, embora não tivesse flexibilidade social nenhuma e o ônus fosse gigantesco, uma certa conformidade, uma certa tranquilidade por parte daqueles que sabiam que não era culpa deles sua posição. Quando acontece essa migração para o capitalismo, acontece um fenômeno social que machuca muito o ego humano, que é fato de ser uma corrida pelo ouro que talvez a pessoa não queira competir ou que talvez não seja boa. Não é mais pré-determinado. Eu não nasci mais na classe aristocrática nem nasci mais na classe burguesa. Se eu sou um herdeiro, eu posso perder. Prova disso é que o Brasil só tem 149 empresas com mais de cem anos de existência, ou seja, os herdeiros não têm lá um histórico muito bom de conseguir manter a riqueza. E se eu venho de baixo, eu posso ascender. Prova disso são *n* histórias de empreendedores. Flávio Augusto da Silva é o mais famoso do Brasil hoje em dia. Aguiar Franco, só tem até a quinta série primária e fundou o Bradesco. Não são poucos esses casos. Os mais famosos do mundo são em torno disso. Então, cria-se essa flexibilidade de classe e as pessoas nascem na paranoia da corrida do ouro. Ele tem como opções não estar disposto a fazer a corrida do ouro, e vai ter que engolir seus pares, ele tem que engolir olhar para mulher dele e saber que, veladamente, ela sabe que ele poderia ter sido melhor. Às vezes, não é que o indivíduo foi completamente

incompetente, é simplesmente não conseguir acertar as propostas, as iniciativas dele, de uma forma que as pessoas continuassem pagando e ele continuasse lucrando. Ele não conseguiu encaixar essa lógica. Ou não conseguiu que no mercado de trabalho se destacasse de uma forma muito grande. Isso não quer dizer que o cara é mau. Isso não quer dizer que o cara é ruim. Isso não quer dizer nada disso. Quer dizer que, dentro desse quadro complexo de mercado, ele não se encaixou de forma apta, de forma vencedora na competição. Esse sujeito tem de lidar com o fato de ter, velado, esse assunto com todo mundo. De ter convivido com pessoas em sua escola que vieram da mesma origem que ele e ascenderam economicamente. De ter convivido com pessoas da família dele que vieram da mesma origem que ele e ascenderam economicamente. De conviver com parentes da mulher dele que ascenderam economicamente. Ele começa a perder aquele conforto da não-flexibilidade de classe e ter que conviver com o desespero de estar conseguindo ou não estar conseguindo. A nossa geração de hoje passa isso na idade. 'Eu tenho 25 anos e não fiz não sei o que. Eu estou com 32 anos e não tenho não sei o que. Eu tenho 40 anos e não tenho não sei o que'. Isso é uma pressão da sociedade capitalista. Sinto muito, é esse o preço. Esse preço gera na gente um certo padrão porque, no mundo de acessar todas as referências, com 22 anos tu pode ser o Mark Zuckerberg. Ou tu pode ser o cara local aqui. Isso gera uma certa angústia. Isso gera um certo desespero.

Isso gera, também, um certo senso de autoconhecimento que pode machucar se a pessoa não está com alguns valores bem encaixados que são seus e nem alguns objetivos que são seus. 'Será que eu quero ser o Mark

Zuckerberg? Se eu quero ser o Mark Zuckerberg, eu estou muito para trás'. Então, a pessoa anula essa opinião. O que é mais fácil de ela dizer para ela mesma? É mais fácil dizer que para eles ficarem ricos e para eles conseguirem tudo que fizeram, eles tiveram que abrir mão de certos valores que tu não abriria. Se tu disser isso, é uma maneira de solucionar o problema egolátrico, o problema moral que tu tem pela frente de ter que aceitar isso. Os teus pares tendem a aceitar isso, sendo que, de forma velada, eles sabem que dava para ter ido um pouquinho mais. Isso funciona em todas as classes. Eu estou falando dos pobres, mas também estou falando da classe média alta, que, teoricamente, é a que mais se sente no jogo da competição. É a que mais se sente pressionada, porque nasce convivendo com pessoas que têm tudo e com pessoas que têm menos. Então, se sente naquela pressão de não cair e subir. Todas as classes têm isso. Os amigos do Bill Gates com certeza têm um problema com ele. Dentro da Apple, com certeza, tem aqueles engenheiros que ganham 110 milhões de dólares de bônus, olhando para aqueles que assinam o novo computador e ganham 10% de ações da empresa. Com certeza, há esse *gap* em todos os níveis. Há o *gap* entre o cara que é zelador no prédio e o cara que virou gestor do prédio. Esse *gap* estratifica e valoriza a sociedade, tanto que a sociedade americana tem gírias que exemplificam isso. O cara é o 01 da Cielo, porque é o executivo mais importante da empresa Cielo. O cara é o 02 da Brahma, porque é o Vice-Presidente da Brahma. O indivíduo começa a ser tabelado e numerado dentro dessa lógica.

É uma questão de virtude humana tu não te corromper por isso. A pessoa não pode enlouquecer e achar que é isso. Mas, dentro da competição

econômica e da geração de resultado, é isso que acontece e isso é positivo no aspecto econômico-social e de progresso. No entanto, gera esse ônus psicológico que se a pessoa não souber deglutir bem isso, associa o fracasso econômico como fracasso existencial. Isso gera um problema profundo e faz naturalmente as pessoas se flexibilizarem ao anticapitalismo.

A arte e o anticapitalismo

Por que a arte tem muito presente o movimento do anticapitalismo, como em Hollywood, por exemplo?

Quem bancou esses caras são os parentes de pessoas muito ricas. Isso é uma história sensacional. Normalmente, entre os herdeiros de uma empresa, há aqueles mais aptos a tocar o negócio, não são mais de um ou dois, e tem aqueles que não são tão aptos para tocar o negócio. Aqueles que são aptos para tocar o negócio, vão ter que lidar com a pressão, com as contas, com as más decisões, com as boas decisões, com méritos e com as perdas. Eles vão ganhar duas coisas com isso: em caso de sucesso, ele vai ganhar todo o histórico e saber tudo que teve que fazer para manter aquela de pé. No contraste disso, os irmãos, os primos, os tios, os parentes, todos aqueles que ainda dependem dessa grande empresa, que foi construída pelo pai, pelo avô, enfim, por algum parente, observa e pensa 'ah, ele recebeu tudo pronto. Só teve que fazer o que tinha que fazer'. Eles não veem o mérito que quem viveu o esforço de manutenção da riqueza viveu. Eles não só não veem o mérito como acham que está errado algumas distribuições que fazem. Por exemplo, o outro chegar para ele no Conselho de família de determinada empresa e apontar que

está gastando demais, porque gastou um milhão de dólares em um mês fazendo compras de lençol em Miami, e pedindo que freie esse comportamento. A pessoa se ofende e fala 'isso era do pai, nós somos todos filhos'. Entendem? Não existe esse reconhecimento, existe essa mentalidade antimérito entre essas pessoas que, posteriormente, financiaram toda construção artística dessa arte moderna que conhecemos hoje. Existe até um relato que o Mises coloca aqui no "Mentalidade Anticapitalista" de uma mulher que financiou a greve contra a empresa da qual era herdeira, mas da qual não era CEO. Então, ela era irmã do CEO, achava-o opressor e foi de limousine para manifestação. Depois, ela também financiou alguns filmes famosos em Hollywood, um deles até ganhou Oscar. Esses institutos Ford, Rockefeller, são todos fundados por herdeiros que não estavam à frente do negócio, não eram capitalistas, eram aristocratas financeiros. Isso gerou esse desequilíbrio e essa propagação da arte.

Além disso, a arte sofre o paradoxo de ter de conviver com a riqueza, porque as pessoas ricas tendem a tentar buscar o apreço pela arte. Não sendo artista, o cara não produz Coca Cola, que é um negócio que tu mete numa fábrica, faz lata e vende para o planeta inteiro, todo mundo toma uma por dia. Tu está milionário. O artista, mesmo sendo muito talentoso, ganha muito menos do que o dono da Coca Cola, porque a Coca Cola está "quebrando o galho" de três bilhões de pessoas diariamente. Um artista, quando pinta um quadro, no máximo de uma pessoa ou, no melhor dos casos, se for um grande artista, um museu, uma galeria ou alguma coisa do tipo. Então, ele começa a achar que tem uma certa injustiça, porque aqueles que são muito ricos

valorizam muito o trabalho dele e tem 35 mil vezes menos riqueza que esses caras, que ainda mandam nele. Como era o caso do Médici e do Leonardo, Michelangelo, e toda essa trupe famosa. Músicos também, Beethoven, Vivaldi, etc.. Também existe uma certa inclinação de recalque psicológico da arte se voltar contra a cultura do mérito econômico.

Comentário: essa questão dos metacapitalistas patrocinarem políticas progressistas para atingirem e desestabilizarem a família justamente porque a família é a que passa a propriedade privada de geração em geração. Ou seja, através do patrocínio dessas políticas, estariam diminuindo a concorrência do próprio mercado, formando um oligopólio global.

O Carlos trouxe um exemplo excelente que a gente poderia deixar passar, que são as famílias que nos acostumamos a chamar de metacapitalistas, que são famílias que querem desestabilizar a sociedade, quebrar essas regras de livre iniciativa e de livre concorrência justamente para se manter onde estão. Lembrem que eu mencionei que o empreendedor não é um sujeito moral por natureza? O empreendedor não é um super-herói por natureza. Ele é só um homem na busca pelo ouro, na corrida pelo ouro. Ele pode ser um exemplo moral ou pode ser um exemplo imoral. Qual é o incentivo natural? Vamos neutralizar a moralidade do indivíduo e verificar qual é o sistema de incentivo. Quando ele chega no primeiro lugar, quando se torna o maior vendedor de cervejas do Brasil, para dar um exemplo polêmico, ele queira frear e não deixar os outros concorrerem, porque já conquistou o primeiro lugar. Por que ele quereria concorrência? Nisso, esse empresário vai começar a fazer de tudo, e se aproximar do governo inclusive, para comprar

parlamento, para o parlamento legislar, travar, regular, fazer tudo que for necessário para ele ser manter em primeiro lugar. Esse exemplo é recorrente no mercado empresarial. O empresário chega no primeiro lugar, não tem mais por que querer a concorrência, pois agora só tem que se manter nessa posição, e ele sabe que a corroer todo mundo que é o primeiro lugar a médio prazo. Esse empresário tenta estabilizar essa fortuna e essa riqueza por meio de legislação que impeça novas concorrências e esse é o incentivo dele. É natural que, ao conseguir chegar ao primeiro lugar, puxe para esse tipo de prática, principalmente para conseguir perpetuar riqueza. Às vezes, isso chega a casos muito extremos de financiar políticas progressivas e financiar a desestabilização de toda cultura que apoiaria essa questão de livre concorrência de empresas menores, não poder não deixar estes crescerem, mas pela descentralização das práticas. Isso cria essa empresas gigantes, meio anormais, que só existem por causa desse corporativismo meio fundação, meio *blade runner*, que existe em função dessa prática de incentivo do primeiro lugar tentar vetar a entrada de novos concorrentes. É muito boa essa questão, não podia deixar de comentar.

Não podemos confundir isso com a Odebrecht e essas outras empresas. Esses homens não são capitalistas. Esses caras são o que se chama *crony capitalism*, porque esses homens são amigos do rei, nada mais são do que os parceiros do Adolf Hitler que ele escolhia para produzir os bens. É o governo chegando e falando 'eu quero um porto em Cuba. Eu quero um porto em Mariel, quero não sei quantos prédios' e etc.. Esses homens vão lá, constroem para o rei, ganham dinheiro infinito, compram todo parlamento, pagam os

políticos, dão triplex não sei aonde, porque são amigos do rei. Não é uma atividade de concorrência. Ele não está atendendo o consumidor. Ele está pegando esse dinheiro taxado e circulando entre eles. Isso diferencia um empreendedor de um amigo do rei, vamos usar assim. Embora ambos tenham a riqueza, não a conquistaram pelo mesmo método.

O que eu estou falando? Eu estou falando que a gente tem que abandonar todo intervencionismo hoje para amanhã e virmos para o capitalismo? Esse é um ponto importante para concluirmos. Não, eu não estou falando isso. Eu gosto de usar essa frase do Jordan Peterson que está no livro "12 regras para vida", pois a adoro. A natureza já nos dá a resposta. As folhas mudam mais rápido do que os galhos, os galhos mudam mais rápido do que as árvores, as árvores mais rápido do que as florestas e as florestas mais rápido do que o ecossistema e a biosfera. Isso significa que as mudanças, como próprio empreendedorismo sugere, antes de eu popularizar um caderno, por exemplo, vou tentar produzi-lo. Eu vou tentar fazê-lo, vou tentar ver se dá certo. O caso da uber é isso. O cara começou lá na Califórnia vendo se a sua ideia funcionava. Depois de conseguir alcançar sucesso no âmbito local, expandiu e realizou a internacionalização. Ele viu que foi funcionando, o povo foi pegando confiança, foi adotando, hoje em dia é algo comum chegar em algum lugar e pedir um uber. Tem vários países que travaram, como Itália, que é um absurdo, o desenvolvimento da uber em função das legislações e das regulamentações. A uber não conseguiu vencer como conseguiram vencer no Brasil graças à opinião pública favorável. Não é para abandonar tudo e se tornar anarcocapitalista da noite para o dia. Eu adoto a perspectiva, como eu disse lá

no início, e essa vai ser uma reflexão livre, não acadêmica, de que nós temos que ir simplesmente todas as práticas que já funcionaram e ter a mentalidade de que para o governo ficar cada vez mais aquilo que nós não estamos confiantes enquanto sociedade de delegar, que hoje são pouquíssimas pautas, são menores do que parecem essas pautas. Aprofundem-se aqueles que quiserem. A Brasil Paralelo tenta divulgar essas questões na medida em que vamos conseguindo nos expandir. Avançar nesse aspecto e vir cada vez mais para esse espectro (do capitalismo) na medida que as coisas estão dando certo. Se eles estiverem dando errado, nada impede de revisitá-las. Mas não vamos fazer mudanças radicais na sociedade, vamos simplesmente adotar as ações que já sabemos que dão certo. Essa é uma perspectiva pessoal. Há diversas linhas nesse aspecto.

Ricos não devem pagar impostos?

Uma última questão antes de ir para as perguntas, é que eu gostaria de dizer uma frase polêmica que eu falei aqui no meio da aula quando estava explicando a janela de Overton. A frase é a seguinte: rico não deveria pagar imposto. Não é o pobre que não deveria pagar imposto, é o rico que não deveria pagar imposto. Por quê? Em seu vício mental, as pessoas costumam achar que os 64 bilhões de dólares do Bill Gates, os 75 bilhões de dólares do Jeff Bezos, os 9 bilhões de dólares do Jorge Paulo Lemann, estão parados lá e eles são bilionários. Você está usando o dinheiro deles. Olha o que eu estou dizendo. Você não está só tomando a brahma que eles te entregam nem usando o excel que eles te entregam. Esses homens estão fazendo um serviço por ti que não é

fácil fazer. Todos os dias você usa o excel, frequentemente você toma uma cervejinha, todos os dias você pega um uber, todos os dias você usa o iPhone. Ou seja, eles fazem parte da tua vida quebrando um galho para ti. Esse é o primeiro ponto. Você pode objetar: 'e daí? Só por esse mérito?'. Não. Quem aqui tem cartão de crédito? Não existe crédito sem dinheiro. Quem te dá o cartão de crédito é o banco. O banco usa o dinheiro dos outros. Esse dinheiro dos outros que ele usa, é esses 64 bilhões de dólares na conta do Bill Gates. Como isso funciona? O banco só precisa ter 30% do dinheiro em casa. Lei totalmente questionável. Se todo mundo for sacar o dinheiro do banco, o banco fali na mesma hora, porque o banco não tem o dinheiro para entregar para todo mundo. Nada mais eficiente para falir um banco do que o próprio boato de que o banco vai falir. O Meridional faliu aqui no Rio Grande do Sul e vários outros bancos já faliram na história do Brasil, inclusive o próprio Banco do Brasil, com esse tipo de questão. Todo dinheiro que está no banco, vamos supor um volume de 100 bilhões de dólares, para dar um exemplo hipotético. Desse dinheiro, o banco só precisa ter 30 bilhões. Os outros 70 bilhões o banco empresta. Como funciona esse empréstimo? Diferente do BNDES, que é um banco do Estado, o qual, por isso, só empresta para grandes empresas, o banco privado não faz grandes empréstimos porque o risco é muito grande. Exemplo: se desses 70 bilhões de dólares, o banco emprestar 50 bilhões de dólares para duas pessoas, eu fiz dois empréstimos de 25 bilhões. Se por acaso duas pessoas me derem calote, que há 50% de probabilidade que isso aconteça, se neutralizasse qualquer incentivo, o banco faliu. Ele perdeu 50 bilhões de dólares porque duas pessoas lhe deram calote. Por isso, o banco empresta da

forma mais fragmentada possível. Qual a forma mais fragmentada possível? Microcrédito pessoal. O que é microcrédito pessoal? Duas linhas. Empréstimo de urgência e cartão de crédito. Cartão de crédito nada mais é do que, na hora da compra, usar um pouco do dinheiro do rico para pagar no final do mês. Não existe cartão de crédito sem milionário. Não existe cartão de crédito sem bilionário. Todo crédito que existe no mundo é o dinheiro desses caras, que estamos usando no banco. Por que rico não deveria pagar imposto? Porque tudo que tu desfruta na vida - quando estou falando rico, estou jogando lá em cima - é, primeiro, produtividade deles. Se alguém usa o excel, se eu escrevo na moleskine, se eu uso a caneta bic, são esses homens que me proporcionaram esses produtos. Eles criaram, desenvolveram, adaptaram, fizeram chegar até mim num preço que eu pudesse pagar. Esse é o primeiro ponto. Segundo ponto: eles desenvolveram essa riqueza. Eles geraram empregos para fazer isso, eles recolheram esse dinheiro e eles acumularam esse dinheiro. Ou seja, eles fizeram tudo acontecer e sustentar. As pessoas que eles empregam, eu brinco que toda pessoa está conectada na economia do mundo, quando eu compro uma moleskine, eu estou ajudando a Apple e vice-versa. Isso porque um vai acabar gastando dinheiro no outro. Eu compro a moleskine. A moleskine recebe o dinheiro, paga os funcionários. Os funcionários saem dali e compram um iPhone que vai para o dono da Apple. O dono da Apple vai lá e compra uma casa cujo dinheiro vai para um cara que vai lá e compra um carro e que depois compra uma moleskine. Então, toda economia é conectada numa rede. Se cada pessoa conhece mais ou menos mil pessoas ao longo da vida, tu está a uma pessoa de mil, a mil pessoas de um

milhão e a um milhão de pessoas de um bilhão. Ou seja, em duas pessoas na rede tu consegue chegar em um bilhão de pessoas. Tu é um nó dentro de uma rede. Esse é o jeito certo de a gente enxergar as coisas. Como toda economia está conectada, além desses homens quebrarem teu galho e fazerem esse serviço, eles geraram receita que esses caras vieram gastar contigo depois. Alguém que ele pagou, que a moleskine pagou lá na Alemanha, foi pagando bens e serviços até chegar aqui, de alguma forma que alguém pagou a Brasil Paralelo. Isso aconteceu. Pode ter sessenta níveis nisso aí ou cento e cinquenta níveis, mas isso aconteceu. A receita que eu dei para moleskine voltou para mim de alguma forma. Isso é um cálculo quase que milagroso. Esse é o segundo motivo. O terceiro motivo é que toda vez que eu uso o cartão de crédito, toda vez que eu pego um empréstimo no banco, eu estou usando dinheiro desses caras, porque o banco não tem esse dinheiro. É por isso, por exemplo, que o banco não pega o dinheiro da Apple, que tem quase 1 trilhão no caixa. O banco não pega esse dinheiro porque o risco de quebrar emprestando esse dinheiro é muito grande. Então a Apple tem que ter mais ou menos seu próprio banco. Benefícios de ser uma gigante recordista de caixa mundial. Olha essas três coisas que eu estou falando: todo crédito que rola no mundo, toda geração de riqueza que eles produzem, é uma curva AB, eles tendem a gerar maior riqueza, e o galho que eles me quebram. Cobrar imposto do rico é fazer com que ele pague pela quarta vez o benefício social. Ele já gera riqueza, ele já quebra o meu galho, com uma tecnologia ou um serviço, ele gera me empresta dinheiro. E, pela quarta vez, ele vai dar dinheiro para um outro cara tentar me ajudar. Por último, o princípio moral de que ele está sendo punido.

Imposto é a multa que a gente cobra para quem fez as coisas certas. É a multa que a gente cobra pra quem conseguiu gerar emprego, para quem conseguiu fazer produtos bons, para quem conseguiu ser reconhecido por isso. Por isso que, se tiver que ter imposto, eu sou a favor de que os ricos não o paguem, porque já fazem por nós muito mais do que nós fazemos por eles.

PERGUNTAS:

1) Em relação ao *gap* que tu comentou entre pessoas com distintas remunerações, por exemplo. Ele existe no socialismo? Isso é bom ou ruim?

Não existe socialismo. Não tem como existir socialismo, porque o cálculo econômico em uma comunidade socialista foi explicado na aula, mas, esquecendo isso, vamos falar de comunidades que se aproximam do socialismo. Eu entendi a pergunta, só fiz isso para provocar e não deixar esquecer. Estados que se aproximam de políticas socialistas dentro de seu grau de intervenção, como União Soviética, Cuba, Coreia do Norte. É bizarro. Eles não disputam por economia, eles disputam por poder. Isso porque quem está no Estado é rei e quem está fora do Estado não é. Todo mundo se alista ao partido. Vocês podem ver exemplos diferentes. Os amigos de Stalin, os amigos de Fidel, as pessoas que se alinharam ao partido nazista para ter emprego pleno na Alemanha de 1940. Quem está no governo tem acesso a tudo, tem toda moral, se veste com fardas garbosas, com quepes elegantes, fuma bons charutos, anda com grandes prefeitos, é reconhecido por todo mundo, desejado, o status dele é o poder. E o poder dele nada mais é do que mandar na vida dos outros. Por isso, tendem ao totalitarismo, porque a sociedade de

Estado favorece aqueles com uma posição tirânica. Agora eu vou pegar mais pesado ainda. Por isso o empreendedor é a iniciativa mais moral que existe, porque ele tenta adivinhar o que tu quer, ele corre o risco, ele arrisca o dinheiro dele, o tempo dele, a energia dele, para fazer algo e depois ofertar para alguém 'tu quer isso aqui?'. Democraticamente. Aí alguém diz para ele 'não quero'. Ele quebrou. Ele perdeu todo dinheiro, passou vergonha, gastou seu tempo. Ou a pessoa falar que quer e o empreendedor vibra. Com isso emprega mais uma pessoa. Essa foi exatamente a história da Brasil Paralelo e a história de todas as empresas que não são amigos do rei. Essa é a iniciativa moral. O Estado é o seguinte: ele olha para ti e diz 'cara, se tu confiar em mim' - é exatamente isso - 'se tu confiar em mim, tu vai me botar lá e eu vou fazer por ti'. Qualquer coisa que tu queira imaginar que ele está te prometendo, emprego, etc.. E aí tu fala assim 'tá bom, eu vou votar em ti'. Tu vota no cara e ele passa a ganhar, sem risco nenhum, como deputado federal, cerca de cem mil com os benefícios. Ele passa a ganhar cem mil por mês, tem uma caneta forte na mão, um poder imenso e trinta e cinco mil eleitores que se ficarem mais ou menos contente com ele está ok. Ele também pode trocar os eleitores. Ele prometeu para o Carlos tal coisa, mas agora, se abrir mão dessa promessa para o Carlos e agarrar a promessa de outros cem caras, vai ganhar mais voto. Ele não está arriscando nada. Ele está te coagindo. E tudo que ele vai fazer é com o dinheiro dos outros, que ele roubou na escravidão. Ele roubou te colocando um fuzil na cara e dizendo 'me paga ou eu vou te processar, te proibir, te prender ou te matar', dependendo do grau de resistência que tu executar. Enquanto o capitalista arrisca tudo que tem, tempo, energia,

dinheiro, inteligência, e se capacita para te oferecer algo e tu democraticamente dizer se tu quer ou não, o estatista, o comunista, não precisa ser comunista, mas que tenha algum grau de flerte com as políticas socialistas, intervencionistas, ele promete coisas, para ganhar dinheiro, para fazer as coisas com o dinheiro dos outros. Pensa: não é os 100 mil que o deputado ganha que ele usa para cumprir as promessas. Ele ganha 100 mil para gastar na economia capitalista. Ele usa o dinheiro que pega de ti também. Está entendendo onde eu quero chegar? Ele fala o seguinte 'eu vou cumprir essa promessa quando chegar no governo'. Aí ele chega no governo, começa a ganhar 100 mil e aí começa a te falar assim 'é Carlos, pois é, mas tu tem que me dar mais dinheiro'. Ele aumenta 1% do imposto e vai lá e vota a favor de subir o salário dele. Enquanto um é um verme parasita, o outro é um herói desbravador.

Quando a gente empreendeu na Brasil Paralelo, passamos por coisas como: luz cortada, porque pagamos o dinheiro para pagar a luz e colocou aqui dentro; todo mundo endividado, endividado em banco, endividado em pessoa física, endividado em cartão de crédito, endividado com a mãe, endividado com tudo que podia, para conseguir jogar dinheiro aqui dentro. Ficamos seis meses trabalhando sem a mínima perspectiva se alguém ia querer para lançar um negócio que a gente pensava assim 'cara, não existe nada que está vendendo assim. Será que os caras querem?'. Se vocês olhassem todos os documentários gratuitos e no final dos documentários dissessem, não quero ser membro, a gente tinha falido e vocês tinham ficado com os documentários. É exatamente isso que tinha acontecido. A gente teve que arriscar tudo para

saberem se vocês iam querer. É diferente de eu vir aqui, olhar para vocês e dizer 'votem em mim que eu vou fazer documentários'. Aí vocês votam, eu vou lá e começou a ganhar 100 mil por mês para fazer documentários com o dinheiro dos outros. Aí vai ficar meio nas coxas, porque eu estou mais preocupado em gastar meus 100 mil por mês e ver qual é a proposta que vai me levar de deputado a senador. Depois de senador para ministro, que daí é um *lobby* interno e como eu faço para o partido me selecionar para não sei o que. Quanto mais socialista é o Estado, mais preocupado com esse *status* de poder ele é e menos preocupado com essa lógica capitalista. Inclusive, embora a vaidade seja um defeito humano que sempre vai permear em tudo, o capitalismo tende a punir a vaidade. Quanto maior a vaidade dentro de uma empresa, mais punido tu será, via de regra. Isso acontece. As pessoas param de acreditar em ti, as pessoas ficam com raiva. Tudo acontece se tu exercer demais esses pecados. Enquanto no Estado tem espaço para Mussolini, para Hitler, para Stalin. Stalin exerceu o poder durante trinta anos, sem ninguém fazer nada. O que tu precisa de poder para capacitar a pessoa de fazer é muito menos do que tu precisa para proibi-la de fazer, porque depois que ela está lá, ela tem os meios. Quanto demorou para colocar a Dilma na rua? Horrores. Tem que ter essa noção de que o Estado sempre cresce mais rápido do que a tua capacidade de mobilizar a população para pará-lo.

2) As pessoas poderiam combinar o salário entre elas e deixar o salário baixo.

O que ela está se referindo é o cartel. Postos de gasolina se juntam e determinam um preço mínimo. Chega um décimo primeiro posto de gasolina

que não participou do cartel dos dez e vai decidir cobrar menos. A única coisa que se pode fazer para pará-lo é dar um tiro nele, que é o que acontece. Só para falarmos de um exemplo real, para não ficarmos em um hipotético. Numa livre concorrência, o cartel nunca vai funcionar porque sempre que um grupo combina para danificar o consumidor num determinado aspecto, um outro vai olhar de fora e vai perceber nisso uma oportunidade. Como os o grupo está cobrando acima do que poderiam, há uma oportunidade de cobrar um preço mais baixo e roubar a clientela dos demais. O caso da violência para coibir esse terceiro é um problema de justiça bem mais grave. Com isso, saímos do âmbito da livre concorrência para o da violência física, da lesão ao direito à vida e à propriedade. Por sinal, uma frase para refletir: a família é a privatização das crianças. Antes, na aldeia, todo mundo era responsável pelo coletivo de crianças. Quando tu começa a saber quem é a mãe do teu filho e tu cria a família. A partir de agora, o pai a sustenta.

3) Acrescentar à pergunta anterior a variante de penalização de condutas consertadas hoje pelo CAD.

O CAD é um órgão que fiscaliza se as pessoas estão formando um monopólio ou não. Vamos topa, para nível hipotético, o argumento de que nós queremos que alguém fiscalize se uma empresa é um monopólio ou não. Como o Rockefeller falou no tribunal dos Estados Unidos, vocês chamam de monopólio, eu chamo de eficiência. Falou isso na cara do governo. Se o CAD cumprisse a missão de não deixar o monopólio acontecer, a Ambev não era responsável por 90% da cerveja que é tomada no planeta. Pensa bem: quem está no CAD? É uma autarquia federal. São pessoas nomeadas. Em média, elas

ganham muito bem, cerca de 22 mil. Só que a Ambev fatura 100 bilhões. Para a Ambev comprar esse cara, é uma coisa tão rápida, tão absurdamente rápida. Ela olha para o cara e diz 'eu consigo te dar, num cheque, dinheiro para tu nunca mais trabalhar, para o teu filho nunca mais trabalhar, para tu morar em Miami num apartamento de frente para praia, envidraçado. Se todo esse dinheiro acabar, eu te cubro de novo esse valor'. Para eles, é uma cuspidinha. 50 milhões de dólares para eles é uma cuspidinha. O cara, por sua vez, só ganha 18 mil reais. Nunca vai equilibrar isso. O cara que mais vende cerveja do mundo com o cara que assina os papéis do CAD. Não vai dar certo, tu vai criar uma estrutura de corrupção. Toda vez que tu cria um órgão que tem o poder para definir alguma coisa, tu está falando para eles o seguinte 'essa tua caneta vale dinheiro'. Todo mundo que vai ganhar muito dinheiro com aquela assinatura, passa a precificá-lo. Isso justifica porque na Petrobrás teve gerente de nível intermediário que devolveu, quando apertado pela Lava Jato, 250 milhões. Ele devolveu, não é tudo que ele recebeu. Ele tinha na conta para devolver.

Essa estrutura de penalização não funciona. O que funciona é uma estrutura de criar o poder para uma caneta e todo mundo que ganha muito com aquilo vai precificar essa caneta e vai dizer quanto pode pagar. Tu vai depender da moralidade dos caras. Historicamente, não dá muito certo.

3) Qual a solução que você apresenta para justificar o governo. Você pensa como sugestão o anarquismo, sem governo formal?

Eu acabei de dizer isso. Moralmente, o mundo é anarcocapitalista. O ser humano nasceu na selva. Se nasceu governo, é porque o ser humano tentou. E se cair, vai tentar de novo. O que estamos fazendo é, como sociedade

organizada, determinando certas ideias que nós queremos defender como premissa para construção da opinião pública e das práticas de política pública. Eu não acho que tem que derrubar Estado da noite para o dia. Acho que a solução é fazer grupos de pressão enquanto sociedade organizada, nos políticos, para que se demovam de poder. Isso passa por tudo. Passa por voto distrital, poder próximo do povo, *recall* de mandato, transparência nas contas públicas, bipartição de poder, diminuição de privilégios, arrancar tudo que está na mão da administração do Estado, de empresas que não precisaria estar administrando, diminuir as regulações, zerar as taxações, diminuir cargas tributárias. Tudo isso eu defendo inexoravelmente. Acho que estamos atrasados de não fazer. Perguntas como: banir o Estado da justiça, que é o ponto que determina quem é anarcocapitalista e quem é minarquista, que é defensor do Estado menor. Por que eu não a defendo? Porque eu não vi a solução. Todos os defensores do anarcocapitalismo podem vir, eu acho ótimo esse exercício intelectual, porque é como uma ficção científica. Os caras ficam criando como vai ser a justiça privada. É excelente que façam isso, porque é como o Star Trek criando o telefone antes do celular. É um exercício intelectual de ficção científica que permite que a gente inove e identifique essas oportunidades. Mas eu não as vi funcionar, não existe nenhum projeto que eu reconheça. A partir do momento que se conhece, a gente pode ir expandindo e dando passos para isso. Quando for eficiente de verdade, vai deixar a coisa obsoleta e vai ser que nem a uber fez com o táxi, atropelou, passou por cima, e não tem o que fazer, porque é muito mais eficiente. Eu sou defensor de nós nos movimentarmos para as políticas capitalistas para conquistar resultados que

já são históricos e a partir dali agir com determinada cautela e ir conquistando espaço. Se a coisa começar a desandar, damos uma freada. É bem simples a tese, não é nada muito elaborado.

4) Você é anarquista ou não?

Não, embora moralmente ache indefensável a questão do Estado. Por quê? Porque é escravidão. Eu não acho a coisa moral e bonita, mas, ao mesmo tempo, tenho essa compreensão de que o mundo já foi anarquista e nasceu o Estado. Tu não pode separar o homem que faz o Estado do homem que não faz o Estado. Não é separável. É a mesma natureza humana que compôs os dois. É a mesma coisa que falar que o homem está estragando a natureza. O homem é a natureza. O homem pode estar se destruindo. O castor vai lá e faz uma barragem, altera a natureza. O castor tudo bem, é lindinho. O homem vai lá e bota uma hidrelétrica e se torna homem destruidor. O homem não está poluindo o planeta. O homem está pegando recursos naturais, e ele mesmo é um recurso natural, está usando esses recursos naturais e devolvendo para a natureza. Talvez causando impactos que acabem com a vida dele, mas não é poluição. O planeta vai ficar muito bem, garanto. É importante a gente não se separar das coisas. Não fazer, como o professor Olavo fala, essa paralaxe cognitiva. O Estado somos nós. Essa é a construção que nós fizemos da civilização, da mesma forma que nós construímos a revolução industrial e o capitalismo. Nós trazemos essa herança desde muito tempo. Se nós estamos vendo que ele tem que ser menor, limitado, não romper liberdades, vamos caminhar para o capitalismo. Se nós já identificamos que existe um problema moral na existência dele, vamos ir trabalhando para resolver isso. Mas antes

de ter a proposta, não tira o Estado, vai dar problema. Olhem a Revolução Francesa. Tem que saber que na hora da anarquia, tu favorece o doído, porque o cara que está disposto a fazer qualquer coisa, vai vir para cima. Como foi Napoleão Bonaparte, como foi Robespierre, como foi essa galera que estava disposta a fazer qualquer coisa na hora do caos. O que tu vai fazer, pegar um pai de família trabalhador para lutar contra um cara que está querendo botar um exército na rua e destruir todo mundo? Me parece um problema filosófico não solucionado e tenho alguma familiaridade com os argumentos anarcocapitalistas. Mesmo assim, quando chego essa parte, eu ouço e percebo que é difícil. Conhecendo a natureza humana, como diria Nietzsche, não me chame de esquerdista, quem para Alexandre, o Grande? Que regra moral, que papel, que constituição para Alexandre, o Grande? Ninguém para um indivíduo que tem esse impulso de quebrar todas as regras e, por algum motivo, tem energia, força e persuasão para conseguir. Ninguém para. Não é constituição que vai parar, não é lei que vai parar, não é sistema econômico que vai parar. Não tem como pará-lo. Nós não descobrimos uma estabilidade para isso. É uma resposta um pouco pessimista de achar que não existe mundinho perfeito. A gente vai ter que continuar na tentativa e erro e na gradualidade, porque sempre que rompemos com isso temos sérios problemas.